Leon Degrelle

Minhas Aventuras no México

Leon Degrelle

Minhas Aventuras no México

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

INTRODUÇÃO.....5
PRÓLOGO.....17
Ao deixar a Europa.....19
O Canal da Mancha, o Atlântico….....21
Na tempestade.....23
Sobre a rota das Antilhas.....25
Havana.....40
Nas barbas da polícia.....43
Chegada ao México.....45
O Natal com os mexicanos.....48
Os carrascos e as vítimas.....51
A floração sangrenta.....55
Domingos mexicanos.....57
Adeus, México….....61
O deserto de Chihuahua.....63
Do outro lado da ponte.....65

“Aqueles que hesitam diante do esforço é porque têm a alma adormecida. O grande ideal sempre dá força para domar o corpo, para suportar o cansaço, a fome, o frio. Que importam as noites em claro, o trabalho esmagador, ou a dor, ou a pobreza? O essencial é conservar no fundo do coração a grande força que anima e que impulsiona, que aplaca os nervos desatados, que faz bater de novo o sangue cansado, que faz arder nos olhos, adormecidos pelo sono, um fogo ardente e devorador. Então, nada é mais áspero. A dor se transformou em alegria porque, graças a ela, nos damos mais por inteiro, e o nosso sacrifício se purifica.” – **Leon Degrelle**

INTRODUÇÃO

por José Luis Jerez Riesco [1]

Léon Degrelle foi o fundador de um Movimento Político que cunhou a palavra “REX» tanto para as edições da Associação da Juventude Belga, a ação católica daquela época que precederam como para a denominação posterior do próprio Movimento, e inclusive, como título do jornal que servia de porta-voz ao novo ideal. REX é um termo que se familiarizou na nomenclatura política do século XX e sua acepção foi incluída em todos os dicionários que circulam pelo mundo associando-o, inseparavelmente, com Degrelle, que, em sua obra *Firma Y Rúbrica*[2] nos deixa a constatação de que esta palavra procedia de *Christus-Rex*.

Foi o México o primeiro país que celebrou a festividade de Cristo Rei, quando em 1914 seus bispos solicitaram a Roma a proclamação do Reinado de Cristo sobre suas sedes, sua entronização perpétua, proferindo o grito unânime e inflamado pela multidão congregada, no domingo 11 de janeiro, à saída dos ofícios religiosos de “Viva Cristo Rei!” em uma imponente e espontânea manifestação popular que desembocou na praça do Zócalo, às portas da catedral da capital Federal. Também na cidade de Guadalajara, no Estado de Jalisco, Monsenhor Orozco, em seu labor pastoral, difundiu a iniciativa entre os fiéis de sua diocese com grande zelo apostólico.

O único antecedente remoto de tão insólita e fervorosa petição somente o encontramos na Florença de Savonarola. Pode-se afirmar, pois, que a invocação à realeza de Cristo foi uma iniciativa mexicana e que seu arraigamento naquela terra levou o Papa Pio X a instaurar solenemente, em 1925[3], a Festa de Cristo Rei, com o significado e o desejo “para que venha a nós o Teu Reino”.

“Viva Cristo Rei!” calou fundo nos corações mexicanos. Era um grito de combate e uma afirmação de fé. Quando os Governantes mexicanos, à

1 Presidente da Associação Cultural dos Amigos de Léon Degrelle
2 Léon Degrelle. “Firma y rubrica”. Ed. DYRSA. Madrid. 1986. p. 66
3 Pio XI. Encíclica Quas Primas. 11-12-1925

frente dos quais se colocou o tirano Plutarco Elías Calles, se mostraram beligerantes contra os fiéis católicos, os federais desencadearam uma perseguição sem precedentes na história da cristandade.

“Viva Cristo Rei!” penetrou profundamente nos corações mexicanos. Era um grito de combate e uma afirmação de fé. Quando os Governantes mexicanos, à frente dos quais se colocou o tirano Plutarco Elías Calles, se mostraram beligerantes contra os fiéis católicos, os federais desencadearam uma perseguição sem precedentes na história da cristandade. Despectivamente, aos cruzados da causa de Cristo, os ateus os chamavam de Cristos Reis ou Cristeros e com tal nome passaram para a História e para o Martirológio do México.

A invocação a Cristo Rei era o ponto final e remate de suas orações. Em Guadalajara, durante as jornadas sangrentas e os massacres contra os cristãos, após o rosário, ao término das ladainhas, generalizou-se uma jaculatória composta por Anacleto González Flores que rezava: Não quero lutar, nem viver nem morrer, senão por Ti e por tua Igreja. Mãe Santa de Guadalupe! acompanha em sua agonia a este pobre pecador. Concede-me que meu último grito na terra e meu primeiro cântico no céu seja: Viva Cristo Rei!

Léon Degrelle seguiu atento, desde sua Bélgica natal, o desenvolvimento dos cruentos acontecimentos que tinham lugar no México onde, novamente, a fé em Cristo, a mesma que latia em seu coração, era a peça acusatória implacável para o extermínio em massa de seus fiéis. Era uma nova Cruzada na qual perderam a vida entre vinte e cinco e trinta mil cristeros nos três anos que durou a guerra. Morriam os cristeros em um derramamento de sangue constante, em um fluxo contínuo e em um gotejo cotidiano, sem grandes batalhas em campo aberto, mas em partidas formadas por pequenos grupos de resistência heróica.

Foi uma luta encarniçada mas desigual. A violência mais brutal marcou as ações dos governamentais. Era uma guerra não declarada mas sim executada. Foi uma guerra popular onde os insurgentes eram movidos por uma convicção religiosa incólume e os federalistas conduzidos pelo

ódio de seus caciques marxistas que desejavam extirpar o sentimento religioso arraigado no mais profundo da medula popular cristera.

Por parte dos militares federais qualquer meio era bom com o objetivo de criar terror institucional entre a população inflamada e fortalecida por sua fé religiosa. Praticavam-se as execuções em massa e sem formação de causa, os enforcamentos seguidos dos pêndulos humanos até que as aves carniceiras descarnavam os cadáveres expostos nos postes de telégrafos ao longo das vias férreas, as torturas, as terras calcinadas dos campesinos, o saqueio, os sacrilégios.

Todo Cristero que caía nas mãos dos governamentais era passado imediatamente pelas armas. Fuzilavam-no no ato. A metade dos caídos o foram por captura e execução. Não só os combatentes tinham tal final expedito, mas todo aquele sobre quem pesasse a suspeita de simpatia ou ajuda aos rebeldes, daqueles de quem se podia pensar que batizavam seus filhos, casavam pela igreja suas filhas ou acudiam, como nos tempos das catacumbas romanas, às missas clandestinas que se oficiavam ao ar livre ou em lugares ocultos.

Degrelle, dirigente juvenil da Ação Católica Belga, ficou comovido com o exemplo e a integridade dos Cristeros que se aprestavam a lutar e a morrer tão bravamente, unidos em vínculo indelével pela Causa de Cristo.

A origem dos rebeldes não poderia ter sido mais precária. Eles se levantaram contra a tirania e a opressão por um sentimento superior, sem armas de fogo nem munição – que conseguiam tirando-as dos inimigos da fé –, sem uniformes, tendo como único distintivo visível uma braçadeira preta em sinal de luto, no início, e depois um lenço vermelho e branco amarrado no braço, como sinal de identificação. Eles passaram de pequenos grupos a esquadrões e destes a regimentos, recrutando voluntários de casa em casa pela pregação da palavra do Evangelho, em unidades locais que faziam um juramento com apenas duas alternativas possíveis: vitória ou morte. Eram unidades frágeis, que podiam se concentrar ou se dispersar com a mesma rapidez.

A situação política foi ficando cada vez mais tensa e carregada. Em 1920, foi eleito presidente Obregón, um inimigo declarado da Igreja Católica. Os líderes governamentais afirmavam que o único caminho a seguir era o de Lenin, e que a primeira coisa a fazer para abrir essa nova trilha política era dinamitar o palácio do arcebispo e a catedral, que consideravam um ninho de víboras.

Em 1925, a situação para os católicos era limite. No dia 2 de janeiro, o Professor Anacleto González Flores lançou um manifesto convocando os Cristeros. Guadalajara se agitou. Formou-se um primeiro comitê de defesa da religião, que se transformou na União Popular, baseada nas ideias do Padre francês Bergoend, o fundador da Ação Católica da Juventude do México, onde se exortava a morrer antes de negar a Cristo Rei.

Logo a mobilização foi geral. À ACJM somaram-se a Federação Arquidiocesana do Trabalho, os confrades da Adoração Noturna, a União de Damas Católicas, os Cavaleiros de Colombo, a Confederação Católica Nacional do Trabalho e as diversas congregações marianas. À frente, Palomar, Vizcarra, González Flores, Iturbide, Alemán, Miramón, Mejía... Como desconheciam a arte da guerra e as táticas militares, entraram em contato com o general Orosquieta, a quem encomendaram a coordenação da estratégia militar.

O Presidente Calles, chamado “O Bolchevique”, era a ditadura em pessoa e a crueldade viva. Contou com o apoio e o respaldo dos norte-americanos, em armas de todo calibre e em dinheiro, para esmagar os Cristeros. Calles era maçom, alcançando, dentro da seita, o grau 33. Foi o adversário que mais odiou a Igreja, e se propôs, num sinistro compromisso, aniquilar todo broto de espiritualidade católica. Expulsou do território mexicano sacerdotes, fechou colégios e escolas católicas, encerrou conventos, derrubou as clausuras, interrompeu oratórios, suprimiu e penalizou o culto nas igrejas e decretou o Laicismo no ensino.

Diante deste panorama, no dia 21 de abril de 1926 levantaram-se as vozes da carta pastoral coletiva na qual se dizia: “chegou o momento de dizer ‘non possumus’”, ratificada na de 25 de julho, onde se convocava a “imitar a constância dos primeiros cristãos que morreram conseguindo que

seu sangue fosse semente de novos convertidos", ideias revalidadas na nova pastoral de 12 de setembro.

O último dia de julho de 1926 foi o derradeiro do culto nas igrejas mexicanas. Esse foi o detonante do começo da guerra Cristera, da chamada Cristiada. Junto ao povo humilde estavam alguns Bispos, como o do Estado de Colima e o de Jalisco, e mais de cem voluntários sacerdotes que se negaram a abandonar o rebanho nos momentos mais agudos da perseguição e foram seus capelães, alguns, inclusive, deixaram seu ministério e tomaram as armas, assim, dois sacerdotes chegaram a generais, os padres Aristeo Pedrosa e José Reyes Vegas.

O Governo assassinava os sacerdotes em suas dioceses e paróquias. Foram 90 os crivados de balas, dos quais 59 foram na arquidiocese de Guadalajara, 35 em Jalisco, 6 em Zacatecas, 18 em Guanajuato e 7 em Colima.

Os Cristeros eram soldados de Cristo. Após a dura jornada, sem experiência nem formação militar, sabendo que o exército inimigo era superior em número elevado à enésima potência e que não havia possibilidade de cair prisioneiros, senão apenas a batalha encarniçada, a guerrilha, o corpo a corpo e, se tivessem o infortúnio de serem detidos, o fuzilamento ou a forca. À noite rezavam e cantavam canções piedosas, hinos de sua fé pura e imemorial.

Este espetáculo de glória e martírio, de sacrifício e heroísmo, de entrega, renúncia e altruísmo, fascinou Léon Degrelle, que era, desde sua mais tenra adolescência, o caudilho de uma geração épica. Degrelle encontrou no México, naquela multidão combatente e desprendida, o prelúdio do que na Europa seria a juventude idealista da década dos anos trinta. Escrevia em 1929: "Há muito tempo que a tragédia mexicana me devora o coração como uma serra de aço"[4].

Refletia sobre os 12.000 católicos que no México haviam encontrado a morte em atrozes circunstâncias, torturados, queimados vivos, enforcados por um selvajismo revolucionário e anticlerical. Quis alinhar-se, assumir a defesa daquele povo em guerra, na Cristiada, perseguido e

4 Léon Degrelle. "Minhas Aventuras no México". Ed. Rex. Paris-Louvain-Milan. 1933. p. 11

hostilizado sem trégua. Um dia tomou uma decisão irreversível. Não podia seguir escutando à distância. Já tinha ouvido bastante, tinha acumulado razões e fundamentos suficientes. Pôs-se em marcha. Tinha tomado a resolução de marchar ao México para levar o apoio moral e humano aos Cristeros. Consultou sua ideia com o Abade Wallez, que escutou atento aos riscos da aventura. Como era um homem entusiasta, depois de ouvir o relato de Léon, levantou seus braços ao céu e lhe gritou: “Bom, vá!” Era como um apoio decisivo à expedição solitária.

A primeira dificuldade com a qual teve que se enfrentar foi a de obter dos representantes mexicanos o visto de entrada no país. Degrelle tinha-se destacado por seus artigos sinceros e contundentes sobre a situação no México. Pensar que lhe permitiriam o acesso ao interior do território era uma quimera impossível. Teve que recorrer a prover-se de uma documentação falsa. Em seu novo passaporte, com a flamante e recém-estreada identidade, figurava como profissão a de médico. Com este camuflagem pôde, no dia de São Nazário de 1929, embarcar num vapor com uma potente chaminé central que vertia baforadas de fumaça negra e densa e que realizava a rota desde Hamburgo até Veracruz.

Sua indumentária era ágil e leve. Vestia uma calça bombacha e umas meias que lhe chegavam até o joelho. Em sua estampa e suas andanças se inspirou Hergé para criar seu famoso personagem de “Tin-Tin”, que não era outro senão o próprio Léon Degrelle, popularizado no mundo dos quadrinhos sem que os leitores pudessem suspeitar, mesmo abusando de sua fantasia. O nome de “Tin-Tin” foi devido à imaginação de Hergé, *mas o personagem era o fio da minha aventura*[5] nos revelará Degrelle. Em 1975, Hergé declarava numa entrevista ao “La Libre Belgique”: descobri as tiras de história em quadrinhos graças a Léon Degrelle. Este tinha ido como jornalista ao México. De lá enviou crônicas e jornais locais onde se refletia a atmosfera. Foi assim que descobri a primeira história em quadrinhos.

Quando Léon Degrelle sobe e ultrapassa a escadinha do barco que o transporta, uma ideia o assalta e lhe produz, instantaneamente, certa

5 Léon Degrelle. “Tin-Tin meu amigo”

melancolia: “parto sem saber se voltarei”: empreendia rumo ao desconhecido, a um novo continente, em armas, em crise, incerto. Encontra súbita a resposta: “Deixar-se abater? Tu vais servir aos teus. Inclusive, se por acaso, lá deixas tua pele, poderias sonhar com algo melhor pelo que oferecer tua vida?”[6]. Léon contava então 23 anos.

O navio segue vagaroso. Atravessa o Canal da Mancha e ganha o mar aberto. Adentra o Oceano Atlântico no meio de uma tempestade que levanta ondas de até seis metros. O balanço é violento, impossibilitando qualquer um de ficar no convés. Foram seis dias de temporal, com ventos furiosos e mar revolto. Então, de repente, a tormenta se acalma e dá lugar a uma bonança. Nuvens baixas de nevoeiro úmido se alternam com rajadas de sol. Um dia, avista ao longe, no horizonte, os Açores, que logo ficam para trás, a estibordo. A primeira escala é em Havana, na ilha de Cuba. O navio atraca por 24 horas, tempo que Degrelle aproveita para descer e percorrer a passo rápido aquela cidade imponente e caribenha, com seu antigo sabor espanhol. Segundo ele mesmo conta, ficou apaixonado pela ilha.

Dois dias depois, chega a Veracruz, o portão de entrada para o México. A viagem tinha durado 23 dias desde que ele saltou para o convés flutuante nos cais de Hamburgo. Ao se aproximar o navio do cais, sentiu uma emoção contida por chegar ao país “onde doze mil dos meus caíram mártires ou heróis, pela causa de Cristo, pela qual eu vivo. É a eles que me dirijo, sabendo bem o que arrisco”.

Para Léon ia começar, a partir desse instante, a verdadeira vida, a autêntica existência, o genuíno anseio de viver por uma causa nobre e não apenas em teoria, mas com o exemplo e na prática, ao vivo e em direto, não nas tertúlias de café nem nos fuxicos das cidades.

Quando o navio atraca no cais, já é noite. Ele vem munido de documentação falsa. Não tem dinheiro local, pesos, e não conhece ninguém naquela imensa terra continental. Sua única esperança era o telegrama que, do alto mar, havia enviado a um remetente mexicano com quem trocara alguma correspondência. O texto para o destinatário, que

6 “Minhas Aventuras no México” op.cit. p. 17

ignorava se fora recebido, dizia: “amigo belga a caminho”[7]. Ninguém o esperava, nem o aguardava, para dar-lhe as boas-vindas ou facilitar seus primeiros trâmites numa terra desconhecida. Ele se pôs no fim de uma fila interminável, compacta, de pessoas dispostas a cumprir as formalidades alfandegárias; a multidão vinha dos quatro navios que haviam aportado quase ao mesmo tempo ao anoitecer. Havia mais de mil passageiros que desembarcaram na mesma hora. A polícia carimbava as autorizações e os passaportes sem muita cerimônia, pelo trabalho acumulado naquela concentração de gente, o que facilitou seu acesso, passando despercebido entre a multidão.

Seus primeiros passos o levaram a um hotel modesto, nas imediações do porto, onde se registrou com o nome de Danton. Deixando no quartinho a leve bagagem de mão, saiu para dar uma volta pelos arredores. Foi ali que aconteceu o primeiro milagro e uma feliz coincidência. Um jovem o parou e perguntou, em voz baixa e íntima: “O senhor é Léon Degrelle?”. Ele responde afirmativamente, e então o jovem lhe mostra, atrás da lapela, o emblema da juventude católica mexicana. Ele trazia consigo uma fotografia de Léon Degrelle, que tinha recortado e que fora publicada no folheto de 61 páginas editado com o título “Les Taudis” (os cortiços, os tugúrios). Foi um encontro providencial. O telegrama tinha sido recebido e o jovem que me descobriu andava, havia várias horas, atento, com seu emblema e a fotografia, numa busca desesperada.

No dia seguinte, empreenderam de trem uma longa viagem até a capital do Distrito Federal do México. O trem, atravessando planícies e montanhas, consumiu mais de quinze horas, sempre em direção ao poente. Ao chegar na plataforma da estação, um grupo de Cristeros, confundidos na multidão, esperava sua chegada, e após as saudações e o abraço forte e apertado, emocionado, deslocaram-se de carro até o lugar que seria seu refúgio na primeira semana de estadia.

O Natal daquele ano foi passado por Léon Degrelle com os mexicanos. Nessas datas tão especiais, ele pôde contemplar cenas insólitas: um sacerdote, que tinha que dizer missa numa garagem,

7 ibidem. p. 38

confessava numa cadeira colocada no canto do refúgio, vestia-se atrás dos veículos estacionados e, rodeado pelos fiéis que se apertavam ao seu redor, consagrava, com uma leve expressão nos lábios, as sagradas hóstias. Quando terminava o ofício eucarístico, ele trocava de roupa. Léon foi testemunha, naquele ambiente de catacumbas dos primeiros tempos, de como a água benta era transportada pelo senhor padre no reservatório de uma caneta tinteiro.

Aqueles inesquecíveis festejos natalinos eu os passei no Estado de Jalisco, que faz divisa a oeste com as areias, as palmeiras e o horizonte do Oceano Pacífico, perto da cidade de Guadalajara. Ele adentrou-se na serra e visitou algumas tribos indígenas huicholes, com suas roupas brancas de fio e seus bordados multicoloridos, nos quais se destaca o vermelhão, tecidos com desenhos geométricos de ponto de cruz, ouvindo da boca dos anciãos suas rememorações da longa jornada dos cervos ancestrais e o significado da Nierika, aquelas pedras calcárias redondas, perfuradas com um círculo oco no centro pelo qual Deus vê o homem e o homem vê Deus. Acabava de abandonar aqueles lugares quando, um quarto de hora mais tarde, caíam mortos seis católicos numa emboscada dos federais.

Assistiu às festas das “posadas de Natal”, aquelas ingênuas representações religiosas interpretadas pelos mais humildes, uma espécie de auto sacramental para louvar a Natividade e que costumam terminar com a euforia e a alegria das pinhatas.

Para todos, ele era o Dr. Machin. Esse era o nome falso e a identidade que ele usou durante toda a viagem.

Há uma frase dele que diz tudo. Degrelle escreve: “Não me importaria morrer aqui, com 25 balas no corpo, gritando como doze mil mártires gritaram: ‘Viva Cristo Rei!’[8]”. Foi tão forte o impacto do que viveu naquelas terras, que ele chegou a pensar, de forma altruísta e generosa, em morrer no México pela causa Cristera – uma causa que ele via como a epopeia de um povo mártir. Ele descreve aqueles homens como cavaleiros místicos e rústicos, verdadeiros cristãos[9].

8 ibidem. p. 51
9 ibidem. p. 60

Enquanto trinta mil jovens camponeses e artesãos empunhavam o fuzil com generosidade, e suas mães, esposas e noivas eram maltratadas, condenadas a trabalhos forçados ou deportadas, os comunistas se dedicavam ao saque e à pilhagem, cometendo crimes, sacrilégios e orgias grotescas. Os chefes do governo que chegaram ao poder sem um tostão, amontoavam riquezas escandalosas, como o ministro Maronos, que possuía em Talpa um castelo, quadros e obras de arte confiscadas de todos os cantos, ou como a própria fazenda do Presidente Calles, "o Bolchevique", situada entre a Cidade do México e a cidade de Puebla, que era uma das propriedades mais ricas do país, onde ele acumulava joias como se fossem cacos, colecionava carros de luxo e confiscava para si tudo o que podia – e tudo isso, de forma sarcástica, erguendo a bandeira de uma suposta revolução comunista e ateia.

Léon Degrelle peregrinou por todas as frentes onde os Cristeros "davam o sangue". Percorreu mais de quatro mil quilômetros, levando na retina os efeitos profundos da emoção e da fé temperada no fogo. Compartilhou suas refeições de campanha, feitas com os produtos que os camponeses lhes ofereciam ou as provisões que, arriscadamente, as senhoras católicas lhes passavam. Dormiu ao relento. Ao acordar e, após a oração da alvorada, caminhava, e ao passar perto de povoados, onde o ponto mais alto era a torre do campanário, via com orgulho bandeiras tremulando com os dizeres "Cristo Rei".

De quando em quando tropeçava em túmulos de terra fofa. Eram as sepulturas dos Cristeros, as tumbas que, sobre um pequeno monte, na cabeceira, traziam uma simples cruz de madeira e uma inscrição repetida e única: "Morto por Cristo Rei". Eram os corpos jazentes, imolados pelo amor a Deus. Teve a oportunidade de visitar a cela onde León Toral escreveu as últimas cartas e o paredão em que foi fuzilado por ter posto fim à vida do tirano Obregón, aquele que ordenava os massacres e o extermínio dos cristãos. Degrelle nos confessa que chorou naquele lugar[10]. Também percorreu os muros do cemitério de Guadalajara, onde se sacrificavam os mártires. Até ali acorriam, devotamente, as mulheres com

10 ibidem. p. 65

lenços brancos e delicados para recolher o sangue, conservando-o como relíquia, derramado por aqueles gigantes da Cristandade.

No primeiro dia do ano de 1930 encontrava-se Léon Degrelle em Chápala, o imenso lago interior que dista cerca de meio centenar de quilômetros da cidade de Guadalajara. Ali os Cristeros se entrincheiraram em uma pequena ilha, que emerge no meio das águas doces e remansadas, onde os raios do sol asteca deslizam todas as manhãs e ao crepúsculo.

Sobre o terreno viveu as chaves do conflito. Compreendeu o sentido da luta. Vibrou em uníssono com seus Cristeros. Consolou os pais dos mártires, que choravam de dor e de alegria simultaneamente. Arengou os combatentes. Sentiu, nas entranhas, a agonia do catolicismo e seu estrangulamento por dirigentes marxistas que não haviam previsto, em sua rude crueldade, a energia do Evangelho. Também observou de perto os revolucionários marxistas e pôde estudar sobre o terreno seu fracasso social e agrário. Visitou as escolas com os crucifixos profanados, fez visitas às cadeias e prisões para analisar diretamente o sistema penitenciário, assistiu a orgias e comícios convocados pelos novos tiranos da situação revolucionária.

Tão intensa foi sua atividade que reuniu papéis e documentos que, em bruto, pesavam 72 quilos. Era o material que levaria para a Bélgica como prova evidente do que havia acontecido, do que ele próprio pôde contemplar e do que estava ocorrendo no México. Haviam transcorrido três meses desde que Léon partira de seu país, onde deixara uma mãe inquieta e preocupada. Era a hora do retorno. A despedida teve lugar em um domingo. Os Cristeros celebraram uma assembleia ao mesmo tempo multitudinária e clandestina. Abraços. Soluços. Lágrimas nos olhos. Degrelle sentia-se orgulhoso de ter misturado sua ilusão, ardor e juventude com aquele sangue e com aquela fé de pederneira. Partiu primeiro de trem e, posteriormente, tomou um ônibus. Atravessou Querétaro, cidade em que havia morrido, em 1867, crivado de balas, o imperador Maximiliano, por ordem de Juárez, no Pico das Campanas. A terra, à medida que se afasta, torna-se cada vez mais desértica. O ônibus de linha, entre uma esteira poeirenta, avança em direção ao norte. Ali, naquelas quebradas ressecadas

e rachadas pela sede, naquele imenso deserto, muitos Cristeros deixaram a vida, com o olhar fixo no céu e os braços em cruz. Eram essas as meditações e pensamentos de Léon Degrelle quando o ônibus fez uma parada prolongada na localidade de Torreón, em pleno e implacável deserto. Atravessando o Rio Grande, chegava aos Estados Unidos. Para trás ficava uma aventura e uma experiência singular, iniciada quando tomou a decisão de unir-se aos Cristeros, demonstrar-lhes sua solidariedade e seu alento, e que o fez ansiar, como timbre de glória, por uma morte semelhante e exemplar naquelas terras de cactos e maguey.

PRÓLOGO

Léon Degrelle é um desses temperamentos que se percebe, desde o primeiro contato, como fruto de seu século. Quando digo de seu século, exagero. Existem espíritos marcados pelo selo de uma fração de século, de uma década ou até mesmo de um ano, mas pode-se afirmar que Léon Degrelle é de pura cunhagem de 1930.

Alguns ensinamentos da escola nos recordam que existiu outrora uma chamada “Geração de 1830”, que passava o tempo harmonizando cânticos em torno da árvore da liberdade. A cem anos de distância, os últimos netos daqueles que a compunham puseram-se, não a cantar a bela liberdade, mas a utilizar tudo o que há de bom para se apoderar do mundo. Essa nova geração é infinitamente mais prática e, no entanto, conserva o aspecto épico. Ela se vincula ao avião, ao cinema, ao rádio, a essas criações prodigiosas que nos colocam o universo nas mãos, não imaginariamente, como os românticos que eram forçados a se resignar, mas em realidade viva e ardente. Essa geração revela a juventude desses soberbos instrumentos de conquista. São, em suma, da mesma idade. Progridem conjuntamente e caminham aliados rumo à sua maturidade. Com esses homens, com essas inovações, eis que à embriaguez de uma ideia vaga sucede o entusiasmo febril, impaciente e altivo de um domínio grandioso.

De entre os nossos, Léon Degrelle é quem personifica de modo mais nítido semelhante data e caráter análogo. Demonstrou isso de muitas maneiras, mas o traço verdadeiramente típico de uma juventude sintonizada com o seu tempo foi uma concreta expedição ao México. Ali se encontra plenamente — digo a Léon Degrelle — a juventude de 1930 e também o ritmo do mundo novo. Projetos enormes e meios de fortuna, entusiasmos súbitos e indignações formidáveis, decisões aterradoras e uma audácia à altura das circunstâncias. Tudo parece desmesurado nessa aventura e, sobretudo, a própria ideia de uma investigação através das armadilhas, empresa árdua para alguém que não é do ofício e que não conhece o país. E, no entanto, ela se realizou. O plano se executa, mas não como teria se desenvolvido em outro tempo. Essa investigação não versa

sobre a invenção dos navios de turbina ou dos expressos transcontinentais: é de natureza bem distinta. Já não estamos na era da velocidade, mas sob o signo do vértigo. Não é o estilo cinematográfico, nem esses apontamentos em foguete, nem as descrições por meio de pequenas pinceladas de urgência, que nos recordam o tempo em que vivemos e o furacão que nos empurra.

Uma maneira semelhante de ver as coisas não é apenas interessante. Cessa-se de esquadrinhar com olhar curioso e começa-se a sentir as batidas do coração quando, sob essa armadura da alma, se percebe uma ideia generosa, quando essa intrepidez e esses arroubos se colocam, de fato, a serviço de uma grande causa. Não foi apenas pelo simples prazer de sobrevoar o mundo que, um belo dia, Léon Degrelle empreendeu seu voo. Sentia que tinha algo melhor a fazer do que zombar, por diversão, das alfândegas e dos policiais. Um povo gemia, chorava desde o mais profundo de sua alma, e foi ao ouvir esse lamento dilacerante que um de nossos jovens acorreu até lá.

GIOVANNI HOYOIS, Presidente Geral da Juventude da Ação Católica Belga (A.C.J.B.)

Ao deixar a Europa

Estamos em 1929. Faz já muito tempo que a tragédia mexicana me lacera o coração como uma garra de aço. Doze mil católicos tombaram ali, em circunstâncias atrozes, torturados, queimados, enforcados... Escuta-se, além-mar, lamentos distantes. O que está acontecendo exatamente?

Quando será possível, com argumentos e detalhes precisos, assumir a defesa desse povo libertado do selvagismo revolucionário e anticlerical? Ninguém se move. Eu já esperei demais. Está bem, irei até lá. Oito dias depois pude acertar com dois jornais, um de Bruxelas e outro de Roma, que me pagassem a "partida", pois eu não tinha um cêntimo. Isso se veria mais tarde: partamos, pois, de qualquer modo. Mas havia o detalhe de eu ter escrito contra o Governo mexicano artigos vitriólicos. Tornava-se, portanto, inútil tentar obter o visto de entrada pelos canais normais.

Mudemos o cenário. Rapidamente arranjo documentação falsa. Agora sou um jovem médico. E, num abrir e fechar de olhos, é como se tivesse envelhecido quatro anos: são brincadeiras que não se deve repetir muitas vezes!

"Então, meu velho, você vai partir... por São Nazário. Na próxima quinta-feira. Mas depois da sua visita, sob seu nome falso, à Embaixada do México, onde você não havia evitado as emboscadas senão de maneira fanfarrona, um bom homem barbudo passou a segui-lo por toda parte como se fosse a sua sombra. É gentil, mas constrangedor. Fique atento, se não quiser terminar a viagem cedo demais…"

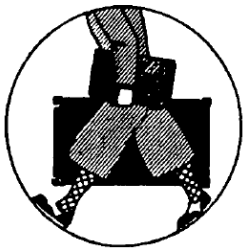
Estou decidido a ir até o fim. Um navio zarpa de Hamburgo rumo a Veracruz ao anoitecer. Telegrafo. Depois embarco em um avião que me faz atravessar, de um salto, um terço da Europa.

Contemplo atentamente a paisagem, para não pensar demais naqueles que, em minha pátria, ficam angustiados com a minha loucura. Mantenho-me firme. Meu olhar sobrevoa as alinhadas próximas, em fileiras muito prudentes, dos longos tubos ocos das chaminés, ou as granjas, onde as galinhas e os porcos fogem em todas as direções, sob o estrépito do meu

trimotor... As aldeias passam, com suas centenas de manchas luminosas de olhares voltados para o céu, por onde deslizamos. Meu Deus, que monotonia, essas casas, essas florestas, essas turfeiras intermináveis... Eis os longos resplendores de um rio, Hamburgo. O avião se enfia entre as nuvens para sobrevoar a cidade. Depois, bruscamente, começa a descida em espiral.

Dou um salto em um carro. Corremos ao longo dos cais. O navio já apita e vocifera. Salto a bordo. A passarela se recolhe em nossa direção. Alguns refletores salpicam, ao ocaso, a multidão amontoada diante do navio que começa a mover-se. Os gritos cessam bruscamente e um canto comovente se eleva. Uma jovem agita o lenço na extremidade de um mastro. Há choro. Gestos são feitos. E, na proa do navio, cerrando os dentes para não me deixar vencer pela emoção, penso na aventura rumo à qual parto, sem saber muito bem como voltarei…

Alguns remadores dos botes se esgoelam em nossa esteira para nos acompanhar o maior tempo possível... As margens do rio já se afastam. Há luzes por toda parte. E, ao longo de todo o navio, os olhos de alguns desesperados se agarram às últimas linhas das terras sombrias... Nada mais se diz. Sem dúvida, o navio leva consigo, com dor e em silêncio, muitos dramas... Eu sonho, volto a ver minha casa... minha mãe que chorava... As lembranças agora se abatem sobre mim, pesadas e lânguidas como o crepúsculo... Sacudo-me. Caminho. Ajusto o gorro de viagem até as sobrancelhas para poder resistir ao vendaval que nos traz o áspero cumprimento do mar próximo... Como? Você se deixa abater? Você vai servir aos seus. E mesmo que, por acaso, ali viesse a deixar a própria pele, poderia acaso sonhar, em sua vida, com um dom mais nobre? Chega a noite... Tudo se dilui na escuridão. O navio segue sua rota rumo ao Mar do Norte. Já não se ouvem mais, ainda que à distância, senão os uivos dos cães na costa, último adeus, invisível e lastimoso, da Europa abandonada…



O Canal da Mancha, o Atlântico…

Não dormi. Não porque a emoção me tenha tirado o sono. O perigo, assim como o prazer, deixam intacto o meu motor. Não dormi simplesmente porque estou alojado no fundo do porão, naquilo que se pode dizer ser a parte mais barata do navio: um reduto de três metros por dois e meio, onde seis emigrantes estão amontoados. Eu faço parte dessa carga humana.

Temos, como catre, algumas mantas ásperas jogadas sobre estreitos estrados. Acima do meu nariz, um dinamarquês faz uma ginástica fabulosa para se despir sem que possamos captar as maravilhas de sua anatomia peluda. De onde vem esse pobre diabo puritano? Vamos passar juntos vinte e três dias, durante os quais ele não abrirá a boca para pronunciar uma única palavra em língua alguma do planeta.

As máquinas armam, à minha esquerda, um estrépito tremendo. Os êmbolos me estouram as têmporas com seus arquejos regulares. Viro-me. Dou outra meia-volta. Quando poderei dormir...? Um cubano ronca. Um americano acaba de acender um cigarro. E sempre esses êmbolos infernais... Isso é insuportável. Agarro a jarra de água e encho a bacia, que será, durante quase um mês, o nosso aguamanil comum.
O dia amanhece, leve, com suaves orlas nevadas nas cristas das ondas. Alguns barcos alados dançam sobre o mar. Por toda parte, velas brancas e tostadas... Queridas e ternas águas do Norte... Meus olhos exploram o horizonte. Imagino a buzarda macia... Le Zoute, Le Coq, Ostende. Esta deve estar por ali. Por que, então, um país que se abandona desperta de repente no corpo...? No fim do ancoradouro invisível, meus olhos percebem uma silhueta alongada, um grande continente claro e triste, e uns olhos verdes como as algas…

Acaba-se. A noite cai. Lá ao longe, à frente, as luzes da minha pátria piscam, sem dúvida, na escuridão que sopra... Toda a minha juventude se vai sobre as ondas loucas que avançam, em maré tumultuosa, rumo ao meu país…

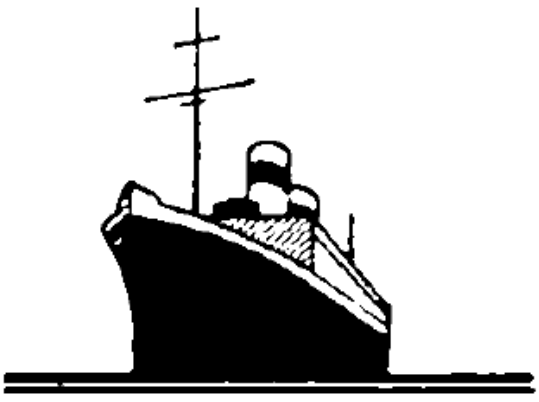
O sino toca na pesada bruma. Alguém acaba de me sacudir. Um homem se inclinou sobre mim, o “camarero”, que me tomou por um francês. Esse alemão me despertou para dizer, com voz emocionada: “Senhor, já se pode divisar a sua pátria…”

Amo a França, mas gostaria de dormir. Portanto, não posso fazer outra coisa senão levantar-me: esse moço quis me dar uma alegria. Subo ao convés. Podem-se ver, muito ao longe, algumas fileiras de luzes marcando, na noite fechada, como balizas, o solo francês... “Senhor, já se pode divisar a sua Pátria…”

Mas não. O meu país já se desvaneceu na escuridão. No entanto, essa palavra, pátria, sacode em mim ecos estranhos que me fazem sentir mal…

Um novo dia ainda para atravessar o Canal da Mancha. As gaivotas recortam suas suaves brancuras nos ares. Dos penhascos, metade dos passageiros respira os ares de Guilherme, o Conquistador. Alcançamos a ilha de Wight. A Marinha de Guerra inglesa passa com seus encouraçados, ouvem-se as vozes dos cânticos dos marinheiros e dos fonógrafos... Os faróis, com sua sombra estilizada, e os hidroaviões macilentos vigiam. Southampton. Embarcamos um exército de religiosos e de freiras. A sirene uiva uma última vez.

O navio balança. A noite. A chuva cai a golpes sobre os conveses... Ninguém... Sonho, com o olhar perdido, no alto da passarela... As ondas se encrespam... Tempestade que morre em meu coração e que nasce sobre a maré... Entramos no Atlântico.



Na tempestade

Os afazeres foram por água abaixo. O navio não avança. Ontem ainda pudemos ver alguns penhascos rosados. Hoje, o Oceano nos faz dançar e tenta nos cortar o caminho... A maior parte dos passageiros tentou se encaramar aos conveses. Pagaram por isso, naturalmente: querem desfrutar do espetáculo! O espetáculo mais belo é, indiscutivelmente..., a figura deles. Estão amarelos ou verdes. Têm soluços, tapam os lábios. Um garotinho começou a vomitar de frente para o vento e, naturalmente, abençoa toda a vizinhança: é o sinal da derrota!

O navio, consciente de sua vitória, começa a focinhar. Muralhas de água se abatem sobre as galerias. No alto, incansavelmente, o sino toca na neblina. A retirada se consuma no segundo dia. Estamos sentados uma dúzia de comensais à mesa para liquidar com convicção as fruteiras de damascos e engolir as salsichas de Frankfurt. Os demais não quiseram aguentar. Ficam resmungando em seus colchões, pedindo ao “camarero” que alimente todos os tubarões do oceano... Há apenas uma mulher de pé, uma jovem judia polonesa, de grandes olhos ferozes, que ri sozinha, de forma zombeteira, no vendaval.

O navio não avança, por assim dizer. Nem uma vela. Nem um silvo de sirene. Nem uma luz: a noite. Não há como se agarrar à mesa. Meu vizinho, um inglês de dezoito anos que quer se tornar “cow-boy”, pede ao camarero, a cada dez minutos, uma limonada que o balanço derrama matematicamente; isso não pode durar muito; um golpe mais violento: meu inglês voa por cima da cadeira e, como um tonel, rola até a porta de um camarote, na qual entra com estrépito!

A noite triunfa. Alguém despenca bruscamente, com os pés para o ar, dando a impressão de completar uma volta inteira. Depois, o movimento se inicia em sentido contrário, em meio a um balanço infernal de bacias, escovas de dentes, malas, sapatos, ligas de meias e boias de salvamento. Não é o momento propício para fazer a barba: alguém partiria o rosto em dois. Temos barbas proféticas e de bucaneiros, com pelos de seis dias. O que se pode fazer? Já que os passageiros, quase por completo, estão

agonizantes, por cima de todos eles rolam as bacias, os baldes e os barris de bordo!

A única distração que há é subir ao ponto mais alto do navio: ali, ao entardecer, abraçado a um mastro para evitar um mergulho, canto a plenos pulmões, ao vento e ao orvalho marinho, com ares nostálgicos da terra, da casa... A tempestade penetra em meu corpo com seu rude estrondo de combate... Exaltação. Magnificência…

Mas, pouco a pouco, ao cabo de seis dias, o furacão se acalma. O olho de boi, nesta manhã, nos olha com uma vigia clara. Ergo-me sobre o meu catre. Vejo o mar ondular, com cristas de cor cinza-pálida: as ilhas dos Açores…

E, para assinalar o novo tempo, os resplendores de um teto ensolarado embranquecem a costa distante.

Sobre a rota das Antilhas

O sol se derrama sobre a ondulação imensamente calma e tudo parece mudar... Deslizamos entre ilhas com nomes de flores... Algumas gaivotas adejam com seus grasnidos tristes... Os telhados se aproximam, luminosos e cálidos... Pouco a pouco, algumas mulheres lânguidas reaparecem nos conveses de bordo, colocando o rosto ao sol e oferecendo seu sorriso aos Açores... Estamos salvos... Agora vem o grande torpor sob a rudeza solar. Alguns se estendem nas redes ou mesmo nas chapas do convés. Uma leve brisa acaricia os vestidos... Ao longe, tudo é azul, tudo se confunde; algumas lianas e cipós passam trazendo o abraço cerrado, verde e amarelo, das profundezas dos golfos caribenhos... Inclina-se com reverência, comovido pela doçura do ar, pela cor da água e pela brisa morna que bronzeia ao redor…

Travo conhecimento. Um alemão acaba de se dirigir a mim em francês. Esqueço que ele tem um olho doente, parecido com ovos de rã... Fala em francês, ah! Finalmente... pronuncio algumas palavras que ressoam ao vento. Sinto-as como sabores de frutos maduros, e gosto desse alemão que me permite pronunciá-las. Chama-se “Mossieu Jacobi”. Foi intérprete durante a guerra e serviu ao seu país trocando, às escondidas, a farinha do “Reich” pela manteiga e pelos ovos dos camponeses. Fala com adoração de sua esposa. Pergunto-lhe, com delicadeza, se tem uma fotografia dela. Ele se alegra muito e me mostra, encantado, um cartão no qual uma matrona fenomenal, de maiô, emula Vênus sob uma cerejeira em flor! Bravo, Jacobi! Seu maior prazer é tirar fotografias. Faz-me ficar à sua frente. Calcula a distância durante um quarto de hora, agacha-se, aciona o disparador e, depois, percebe, quando tudo já havia terminado, que havia se esquecido de abrir a objetiva da máquina ou de trocar a chapa!

Estamos de mangas arregaçadas. O calor é asfixiante. Dorme-se. Ou se conversa com algum vizinho, desfalecido, sob o sol... Ou então se vai nadar. Sim, nadar... na proa do navio, a céu aberto. Ali está instalado um grande recipiente de lona, alimentado continuamente pela água do mar. Pode-se mergulhar ali. Pode-se até molhar o corpo com uma bomba

d’água. Pode-se morrer de rir com a cabeleira de Mossieu Jacobi! Depois de se refrescar, pode-se estender o corpo a pleno sol, inerte e tostado. As guitarras da orquestra reanimam os nervos. Mas a gente permanece imóvel. Na modorra do meio-dia, apenas ainda saltam, perto do navio, os grossos golfinhos viscosos e os peixes-voadores…

À tarde, todo o convés se ilumina. Janta-se em traje de noite ou fantasiado. O céu é mágico: um grande disco vermelho forma uma aura em torno da lua, milhões de estrelas resplandecem no firmamento, o navio avança a passos largos no mar fosforescente... Dança-se, loucos de alegria, na noite maravilhosa, embriagada pelos dilacerantes chamados dos saxofones.

As horas escapam como as melodias... Não existe nada além da música e do encanto das noites tropicais... Estende-se o corpo em direção à maré cintilante. Fica-se extasiado sobre o convés, com o rosto voltado para as estrelas. Sonha-se com outros mundos, ardentes e arrebatadores... Embriaguez das noites cálidas sobre a rota prateada das Antilhas.

Léon Degrelle em 1928

Documentação falsa de Léon Degrelle utilizada para poder entrar no México.

MANIFESTACION DE CIEN MIL CATOLICOS

Vale 5 Cts.

EL IMPARCIAL

AYER QUEDO DEFINITIVAMENTE DECRETADA LA SUSPENSION DE CULTO

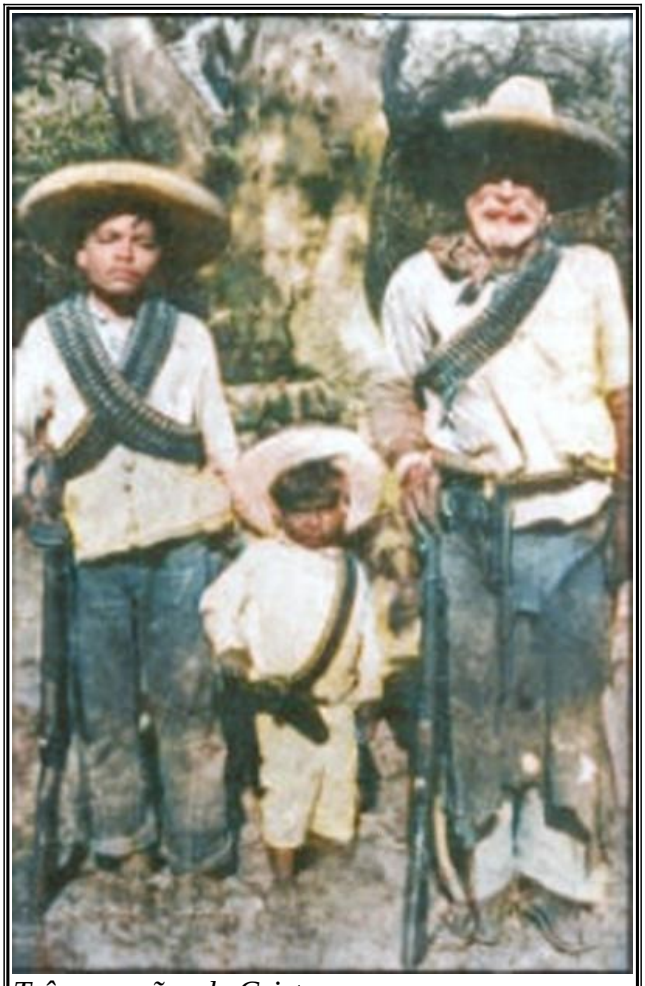
SE ACORDO UN BLOQUEO

A imprensa mexicana publica na primeira página o "Decreto de suspensão do culto", com o qual se oficializou a perseguição religiosa.

Jovens cristeros, na cidade de Morelia, México.

Membros do Partido Nacional Republicano orando.

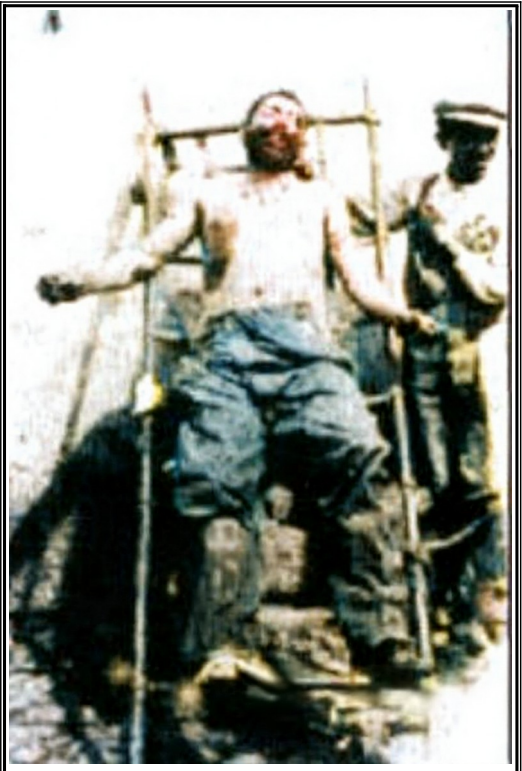
Estandarte cristero.



Três gerações de Cristeros.

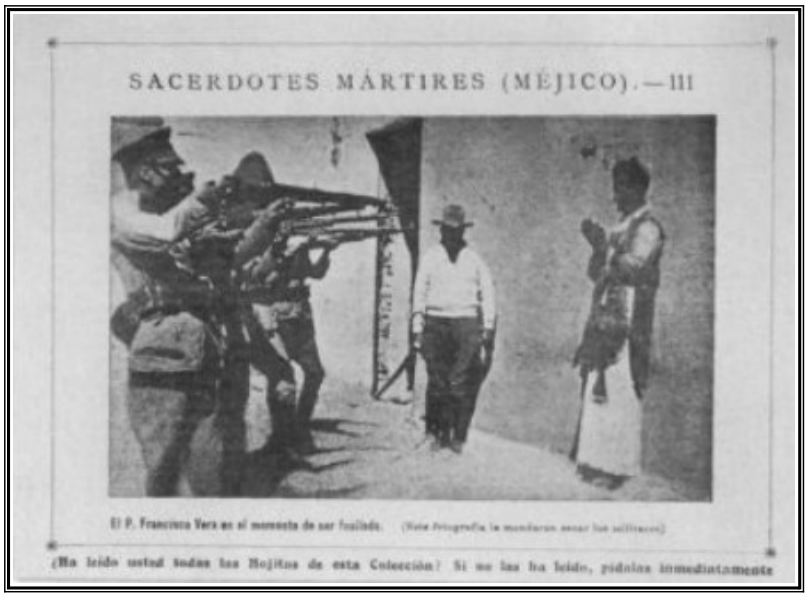
Cristeros degolados por soldados do general Vargas.

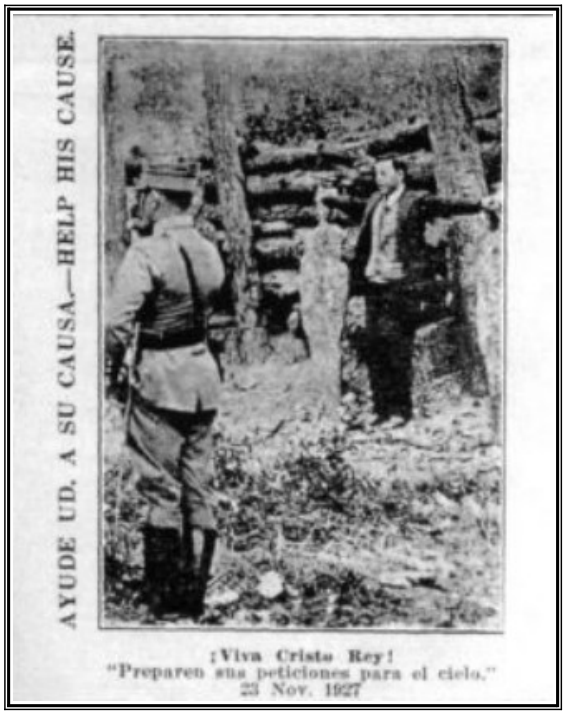
Francisco Ruiz e companheiros enforcados em Sahuayo.



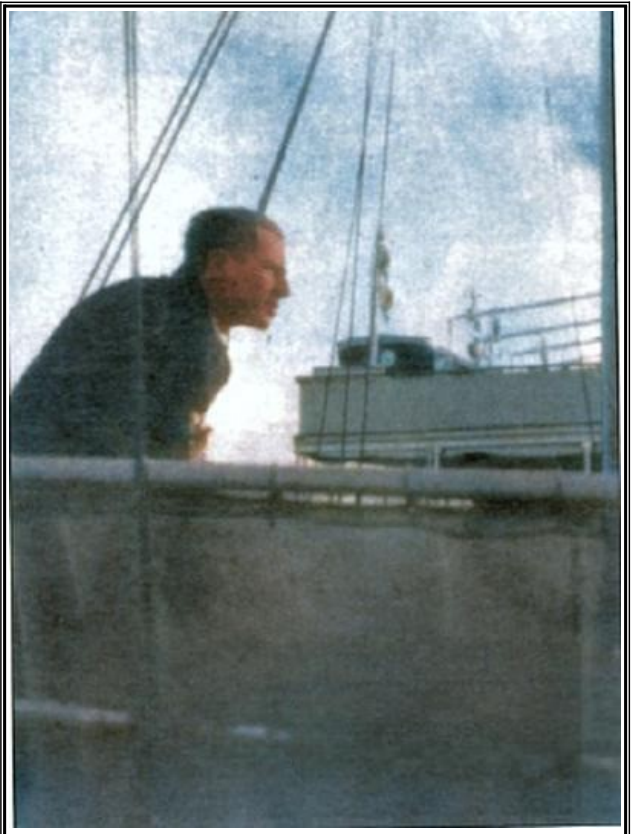
Exibição do cadáver de um cristero.

O sacerdote Agustín Pro Juárez rezando momentos antes de ser fuzilado.



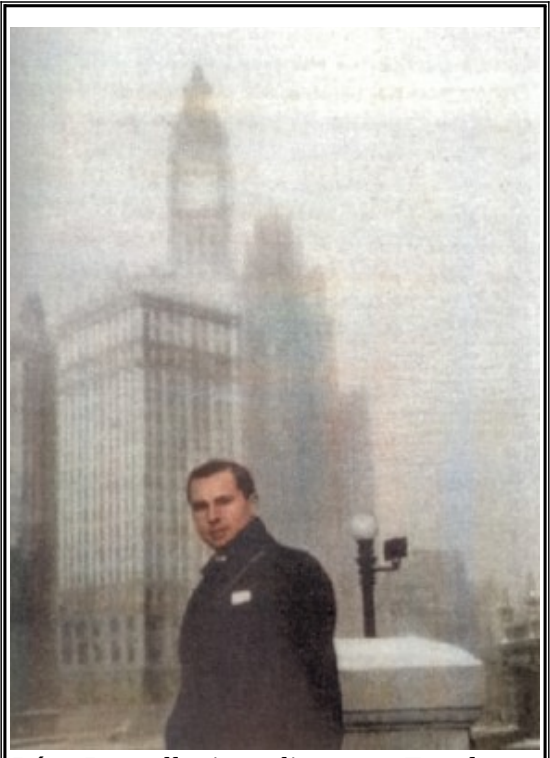


Diversas estampas de propaganda cristera nas quais se retrata a terrível repressão contra os sacerdotes católicos mexicanos pelo exército federal.



Léon Degrelle a caminho do México.

Léon Degrelle no navio Rio Panuco, que o levaria ao México.



Léon Degrelle, jornalista, nos Estados Unidos.

Supplément à *Soirées*, n° 52 du 30 Septembre 1932.

OCTOBRE 1932. N° 1

LE NUMÉRO : 0,50

REX

Pour que les Catholiques lisent

ÉDITIONS REX
LOUVAIN

LÉON DEGRELLE
DIRECTEUR

Pour fêter le million

Aujourd'hui, les catholiques qui s'occupent des Lettres et de l'apostolat par la plume vont fêter l'exploit réalisé en dix huit mois par les Editions Rex, fondées pour être un bastion avancé de l'Action Catholique chez nous. En dix-huit mois elles ont vendu un million d'ouvrages : brochures de combat, livres de spiritualité, de littérature, d'histoire et de fantaisie. Parties en guerre avec un capital modeste et un champ d'action restreint, elles sont aujourd'hui une puissance qu'on respecte ou, à défaut de cela, qu'on craint. A la moindre attaque, elles sont en première ligne, avec des épées qui, sans faire de manières, entrent dans les reins et clouent au sol. Aguerri, connaissant maintenant l'art de se battre et de battre, Rex ne se contentera pas, pour fêter son million, de mettre une plume à son chapeau et de défoncer des tambours. Notre génération se moque des triomphes ronflants. Pour marquer sa victoire, Rex a pris les décisions suivantes :

1. FONDATION DU JOURNAL LITTERAIRE que voici. Ce journal mensuel, de seize pages, mettra les catholiques au courant de ce qui paraît pour eux en librairie et particulièrement de ce qu'on publie chez nous. Il sera un guide d'autant plus pratique qu'il sera à peu près gratuit, l'abonnement annuel étant de cinq francs.

2. LANCEMENT IMMEDIAT D'UNE GRANDE COLLECTION DE ROMANS d'amour, d'humour, de guerre, d'aventures, A LA PORTEE DE LA MASSE. Et sous une forme tout à fait nouvelle : par abonnement. Toutes les six semaines on recevra un ouvrage complet et à des prix imbattables : 4 FR. 50 le volume, en une édition superbe qu'on payerait dans le commerce dix-huit ou vingt-deux francs. On trouvera plus loin tous les détails à ce sujet.

3. ORGANISATION DU TRAVAIL PAR DISTRICT, avec des chefs responsables et munis d'un matériel moderne. Les Editions Rex viennent de prendre à leur service exclusif QUATORZE CHEFS DE PROPAGANDE, auxquels elles ont payé DEUX AUTOS ET ONZE PUISSANTES MOTOS qui leur permettront de parcourir rapidement tout le pays pour organiser de vastes lancements et de grandes campagnes.

Voici donc, enfin, les catholiques dotés d'une organisation à la page, avec un outillage moderne, un idéal, et une énergie indomptable.

Chaque jour, nous nous emploierons à renforcer et à multiplier ces armes.

LÉON DEGRELLE.

REX a bien mérité

par MONSEIGNEUR PICARD,
Aumônier général de l'A. C. J. B.

La corporation des écrivains et le peuple des lecteurs sont les obligés des maisons d'édition. Un écrivain n'est pas son éditeur et son libraire pas plus qu'il n'est son imprimeur. A moins qu'il ne renonce à atteindre tout son public. Car la valeur du livre n'y suffit pas, même reconnue et proclamée par la critique. Le rôle de l'éditeur et du libraire est indispensable. Et il y faut une technique, un outillage, des capitaux dont ne disposent point ceux qui ne sont pas du métier.

L'éditeur ne vend pas n'importe quoi à n'importe qui. Il est l'intermédiaire entre l'écrivain et son public, entre l'âme de l'écrivain et l'âme du public. L'éditeur sans âme, sans conviction, n'est qu'un charlatan et un entrepreneur de colportage.

L'intermédiaire entre les écrivains catholiques et leur public, c'est donc l'éditeur catholique.

La profession d'éditeur n'est pas encombrée par les catholiques. Il faut même proclamer bien haut qu'ils sont loin d'y occuper la place que méritent les écrivains catholiques, la valeur de leurs livres, la doctrine qu'ils exposent et la cause qu'ils servent.

C'est pourquoi il faut nous réjouir du succès grandissant des Editions REX. Depuis leur constitution en société coopérative, c'est-à-dire depuis un peu plus d'un an, elles ont répandu un million d'exemplaires d'excellente littérature. Leur directeur est exactement le contraire de ces éditeurs à tout faire que nous vencus de disqualifier. Ecrivain lui-même, il entend servir comme éditeur la même cause qui lui met en main le stylo. Lorsqu'une question se pose qu'il importe au catholicisme de résoudre publiquement, les Editions Rex n'attendent pas qu'un écrivain catholique ait la bonne inspiration de composer la brochure ou le livre nécessaire. Elles sollicitent et stimulent les plus compétents. Elles leur font des propositions engageantes. Elles sont vraiment collaboratrices des maîtres catholiques de l'opinion.

Parcourez les catalogues des Editions Rex et vous verrez que ce million d'exemplaires qu'elles ont lancé depuis une année est une armée de messagers et de chevaliers d'une grande cause. Rex a bien mérité de l'Eglise, du pays, de l'Action Catholique.

Une grande lutte d'idées se livre aujourd'hui dans notre pays comme dans tous les pays du monde. La civilisation chrétienne est aux prises avec une conception matérialiste de la vie. Les livres bolcheviques trouvent des éditeurs puissants et zélés. André Gide vient d'écrire qu'il faisait des vœux pour le succès du Communisme soviétique et qu'il voudrait pouvoir collaborer à son triomphe. « Je voudrais vivre assez, dit-il tranquillement, pour voir ce que peut donner un Etat sans religion, une société sans chrétiens. La religion et la famille sont les deux pires ennemis du progrès. » Et les pires ennemis de la civilisation chrétienne, ce sont les écrivains au cerveau pourri tels qu'André Gide, eux-mêmes et leurs éditeurs. Tandis que parmi les défenseurs de cette civilisation qui abrite nos biens les plus précieux, il faut mettre au premier rang les écrivains et les éditeurs catholiques.

Nous ne vous demandons pas des félicitations attendries, ni des petits compliments flatteurs. La seule chose qui nous intéresse, c'est la bataille. Pour lutter, il nous faut des armes. Des armes, ça se paye. Abonnez-vous à **Rex** : *cinq francs pour une année.* C. C. P. 15.21.61 **Rex Louvain.**

Capa do nº 1 da publicação "REX", da qual Léon Degrelle era diretor.

Supplément à *Soirées*, n° 56, du 28 octobre 1932

NOVEMBRE 1932. N° 2

LE NUMÉRO : 0,50

REX

Pour que les Catholiques lisent

LÉON DEGRELLE
DIRECTEUR

JOURNAL BI-MENSUEL
ÉDITIONS REX

La Belgique vivante

Article inédit d'André Tardieu

M. André Tardieu, l'ancien Premier Ministre Français, dont on connaît l'alerte maîtrise, a bien voulu présenter au public de Rex le livre que son compatriote, le grand écrivain Georges Suarez vient de consacrer à notre pays sous le titre La Belgique vivante (1).

L'instinct de tout Français est qu'il n'a besoin de livres ni sur la France, ni sur la Belgique. Il croit connaître son pays et le proche voisin est si près de son cœur qu'il lui applique la même illusion. L'erreur est grande dans les deux cas et le livre de M. Georges Suarez est, pour le second, un précieux remède.

En une douzaine de chapitres, qui s'articulent sans effort, voici la *Belgique vivante* : Sa vie matérielle, avec l'agriculture, les mines, l'industrie, les colonies ; sa vie politique et sociale, avec les figures et les débats qui la dominent, le roi, le problème des langues, l'action des partis ; sa vie intellectuelle et artistique avec la littérature, les universités, le Palais des Beaux-Arts de Bruxelles. Ce sont autant de tableaux sobres, drus, sincères, toujours divertissants et souvent instructifs.

Plus on entre dans l'intimité belge, plus on admire l'histoire de ce petit peuple. Il a enfanté dans la douleur et grandi dans la division. Opposition des races, des tempéraments, des goûts, des idées, des sols et des langues, tel est le fond, d'où est né un génie propre, fortement caractérisé, — si fortement que le Belge flamand est aussi différent du Flamand hollandais ou français que l'est du Français le Belge wallon.

Atteinte, comme le reste de

l'Europe, par ce mal d'outre-mer qui s'appelle la crise économique, la Belgique y fait face avec courage et ingéniosité. Pour honorer sa signature, elle accepta une guerre inégale et quinze cents jours d'occupation étrangère. Pour sauvegarder sa production et ses échanges elle s'engage, sans hésiter, sur le chemin des sacrifices budgétaires. Les grandes luttes traditionnelles demeurent ouvertes. Mais, face au devoir, on ne bronche pas.

M. Georges Suarez, à qui la littérature politique doit tant d'œuvres brillantes et durables, s'est interdit dans ce volume les jeux, où il excelle, de la polémique. Il a voulu comprendre et expliquer. Il me semble qu'il y a réussi sans réserves et je m'assure que tel sera l'avis des lecteurs.

Les journalistes de notre temps sont exposés, par souci de l'inédit, à s'emprisonner dans le fait qui passe et à négliger ce qui dure. L'interview et le communiqué ont porté à la presse grand préjudice.

Monsieur, répondait Clemenceau à un interviewer, « quand j'étais journaliste, je faisais mes articles moi-même et vous me demandez de faire le vôtre. J'ai bien l'honneur de vous saluer ».

Que l'auteur soit ici remercié de ne céder à ses contemporains la parole que dans la mesure discrète où il convient et de se donner, à chaque page, la peine de voir et de réfléchir. Son livre emprunte à cette méthode une plaisante originalité. On y sent un goût de conclure, qui est le vestibule de l'action. Le journaliste, qui le possède, est voué d'ordinaire à la vie parlementaire. S'il en est ainsi de M. Georges Suarez, nos assemblées devront à la presse une recrue de choix.

ANDRÉ TARDIEU.

(1) Éditions Rex. 10 francs. En vente dans toutes les librairies à partir du 10 novembre.

Nouvelles du front

● *Le premier numéro de* REX *a eu trois éditions successives, totalisant plus de 40.000 exemplaires. Malgré cela des centaines de personnes n'ont pas pu trouver notre journal. Un petit conseil d'ami : qu'elles s'abonnent.*

● *Nos services de propagande avaient, le mois dernier, onze autos et deux autos. Les deux autos ont fait des jaloux : aujourd'hui nous en avons huit. Famille nombreuse, quoi !*

● *Contrairement à ce qui a été annoncé un peu partout, le Directeur des Editions REX n'a pas fait un héritage de quelques millions. Ça viendra peut-être. Mais nous n'avons pas encore trouvé la vieille dame sublime au gousset bien garni.*

● *Evidemment, nous sommes des gaillards encombrants ! C'est pour cela que nous déchargerons son humeur pécaniste non seulement en Belgique, mais à l'étranger : nous venons d'installer les Editions REX dans le Nord de la France (où nous aurons 4 chefs de propagande) avec Lille comme centre ; en Hollande (4 chefs de propagande) avec Amsterdam comme centre ; dans le Grand-Duché (3 chefs de propagande) avec Luxembourg comme centre.*

● *Tu te tantes, mon bon !*

Pas question, Marius. L'an dernier nous avions sept permanents à REX. Nous en avons actuellement une quarantaine. Au fond la crise, c'est de la blague. Les politiciens ont inventé cela parce qu'ils ne savaient comment expliquer leurs déficits !

● *Il nous faudrait au moins 2 propagandistes des Editions REX dans chaque localité : des jeunes gens — ou des jeunes filles — débrouillards, tenaces, n'ayant pas une minute d'inertie en point d'exclamation. REX est quelque chose de vibrant et de joyeux. Nos amis et nos amies doivent porter en eux notre idéal, notre fraîcheur enthousiaste et notre passion apostolique. Le jour où nos cadres seront ainsi au point partout, nous pourrons, en huit jours, retourner le pays quand on mettra en péril les droits ou les œuvres des catholiques. A nous les jeunes ! Notre maison est leur maison.*

REX.

Capa do nº 2 da publicação "REX", na qual se incluía uma crônica sobre a situação dos católicos no México.

La Persécution Mexicaine

A ce moment où la persécution mexicaine reprend sous des formes moins brutales, plus sournoises, mais aussi haineuses que jadis, il n'est pas vain de nous rappeler les atrocités sans nom et les quinze mille martyrs qui en jalonnèrent les débuts.

La mort d'un saint n'est pas un « fait divers » qu'un journal rapporte aujourd'hui pour la curiosité de ses lecteurs et qu'on peut oublier le lendemain. C'est de l'histoire, de l'histoire religieuse, de l'histoire éternelle, que les Chrétiens doivent relire sans cesse, où ils doivent chercher leurs modèles et puiser leur force.

A **Jusqu'au Sang** *et à* **Sous l'ombre d'Obregon**, *ces deux évangiles de la tragédie mexicaine, qui devraient se trouver dans toutes les familles chrétiennes, nous empruntons les quelques traits ci-après :*

« Le 30 janvier 1928, le monument national au Christ-Roi vole en éclat. C'est un symbole.

LE SANG DES PRÊTRES.

Le 14 août 1926 **Don Batis**, *Curé à Chalchihuites, dont le seul crime est un apostolat doux et charitable dans sa paroisse est arrêté. Le lendemain, fête de la Vierge, il tombe criblé de balles, en même temps que trois de ses ouailles.*

En mars de la même année, un curé du territoire de Nayarit est fusillé dans son église, alors qu'il consomme l'Hostie. Neuf paroissiens qui se sont soulevés sont pendus à un arbre de Valisquillo.

L'abbé **Correa Mateo**, *âgé de 62 ans, est rencontré, la nuit, par des soldats alors qu'il porte les Saintes Espèces à un mourant. On le roue de coups, parce qu'il refuse de livrer son Dieu ; on l'incarcère ; on lui fait confesser des prisonniers ; puis on l'assomme parce qu'il ne veut pas révéler ce qu'ils lui ont confier.*

Après avoir torturé pendant 3 jours et 3 nuits, le P. **Sabas Reyes**, *vicaire de Totatlan, sur la place même de son village, la soldatesque imbibe ses pieds de gasoline, y met le feu, puis le traîne au cimetière où il meurt.*

Abbé **José Sanchez** : *pendu à Palmitas.*

Abbé **Robles** : *pendu près de la montagne de Quila.*

Abbé **Sedano** : *« J'ai l'honneur de vous communiquer que je viens d'arrêter le curé Sedano et que je l'ai passé par les armes avec cinq autres fanatiques. Les cadavres sont exposés à la gare de Ciudad Guzman.*

Pour information, respectueusement.
Le général de Division,
Chef des opérations militaires,
J.-M. Ferreira. »

Abbé **Vera** : *fusillé revêtu des ornements liturgiques, après l'avoir apprêcédé pendant le Saint Sacrifice.*

Don **Magallanes** et don **Caloca** *assassinés en 1927 (meurtre confirmé par lettre pastorale de Mgr l'archevêque de Guadalajara).*

Le F. **Jumpero** (70 ans) *devant le tribunal du général Paz.*

« Combien avez-vous dit de messes ?
« — Monsieur, j'en ai dit autant « que j'ai pu. »

Tué comme un chien, puis jeté dans un fossé.

LE SANG DES LAIQUES.

Joachim Silva, Manuel Melgarejo, Alondo Acuna Rodriguez, José Garcia Farfan, Florentino Alvarez, Manuel Campos *morts pour le Christ-Roi...*

Joaquin Silva y Carrasco, *l'une des plus belles figures des victimes mexicaines. Sa vie, avant la persécution est celle de tant de nos fervents propagandistes ; le danger fait de lui un héros ; la mort, un martyr. Avant de le fusiller on veut lui enlever son chapelet : « Jamais, tant que je « serai en vie ! »*

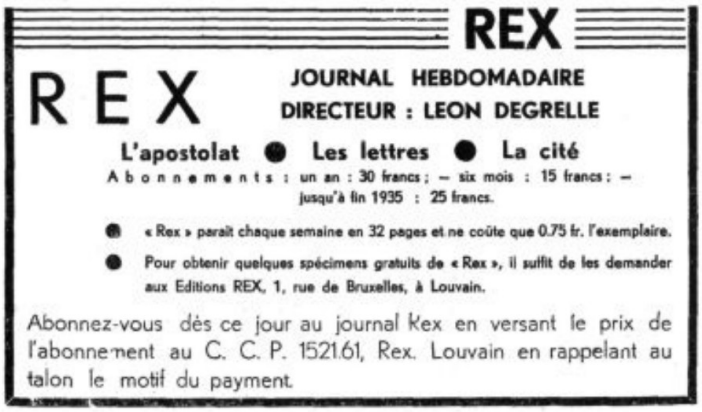
A un passant qui lui demande s'il va à l'échafaud : « Non, au Calvaire ».

En 1928 ce fut le couronnement. Après les membres on frappa la tête : le monument national au Christ-Roi vola en éclat. Mais si les cadavres se corrompent, si les symboles s'écroulent, sur la grande leçon qui s'en dégage, les persécuteurs n'auront jamais de prise.

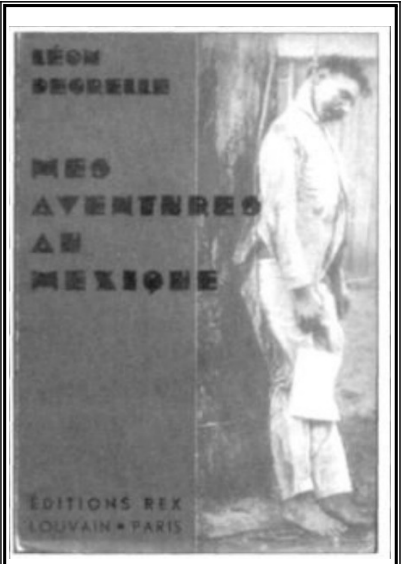
Et cette flamme qui a embrasé le Mexique ne peut pas s'éteindre, pas même en Belgique. Notre devoir est de la raviver, pour qu'elle nous happe à notre tour, pour qu'elle dévore le monde.

AMAND GÉRADIN.

Reprodução do artigo publicado no número 2 da publicação "REX", no qual se faz uma crônica da situação dos católicos no México.



Publicidade da publicação "REX".



Reprodução da capa original do livro de Léon Degrelle "Mes aventures au Mexique".

Léon Degrelle fotografado despedindo-se de sua mãe.

Léon Degrelle, assinalado na fotografia, em 1918, em seu colégio.

Léon Degrelle durante um ato político.

Local das Edições Rex em Lovaina.

Havana

Faziam quase três semanas que havíamos zarpado de Hamburgo, deixando para trás suas brumas, seu “choucroute” e os faróis cegadores que iluminavam os momentos da partida.

Os entardeceres nos emocionavam cada vez mais, até nos fazer gritar de admiração ou sonhar por horas, quando se entrelaçavam, antes de desaparecer, os harmoniosos balanços das brumas, acinzentadas, rosadas, azuis, verdes pálidas, difusas através dos pores do sol…

Ficávamos na proa do navio, como absortos, com os punhos no queixo, saboreando esse derramamento de cores, para depois, bruscamente, sentir a noite misturar sua febre com as vozes graves dos marinheiros cantando em coro sob as estrelas...

Aproximávamo-nos da América. Ainda se dançava, mas com os olhares lânguidos de quem de modo algum queria avistar os portos onde, em breve, a aventura desembarcaria.

Numa manhã, Mossieu Jacobi, com seu aparelho fotográfico a tiracolo, posicionou-se na parte mais alta que pôde, com o nariz sobre as pernas... De repente, uma linha de espuma contornou o horizonte... Uma hora depois, distinguiam-se suaves penhascos, rochas mordidas pelas ondas brancas...; as ilhas Bahamas, onde outrora aportou Cristóvão Colombo... América... América... Não me engano. Está ali. Vou chegar..., vou caminhar sobre sua terra. Já respiro seu ar a plenos pulmões. Estou louco de alegria. América...!

O navio não avança rápido demais. Ainda mais um entardecer. Abandono a cabine do navio. Vou para o luar, para me banhar de pijama. Tudo me arrebata: esta água que envolve meu corpo, as luzes fugazes do céu, os marinheiros que dormem atravessando o convés…

Há um silêncio prateado onde se ouvem vozes abafadas. Dormir? Seria grotesco. Aqui estou sobre o convés, em traje de golfe, com o coração tenso como um arco. São cinco da madrugada. Uma longa fila de pequenas luzes sobre a costa. O horizonte nos atrai como um amante. O

velho forte espanhol de Havana se delineia na aurora que doura os blocos de pedra. Depois, tudo se ilumina. As palmeiras abanam-se... O dia se marca a grandes golpes de luz na enseada... Pequenas embarcações desfilam em linha reta com duas fileiras de negros seminuas — mas com chapéus de palha!

Uma flotilha nos circunda. Salto para um barco onde um grande diabo reluzente gesticula. E aqui estou sobre o solo de Cuba.

Poderia jurar que estou em Sevilha. Amplos pórticos ladeiam as calçadas; os armazéns são grandes espaços. Pode-se sentar na rua, em poltronas de arcebispo, para ser barbeado por mulatos ou por grandes senhores ibéricos, os prediletos, que têm habilidades indiscutíveis para esfolar coelhos. A meio da barba, escapo desses barbeiros e percorro a cidade.

Há negros por toda parte, mestiços, ou brancos de mangas arregaçadas. Esse amontoado é divertido e horrível: as negras são infames, com rostos arroxeados e emagrecidos e, em todos os sentidos, gordurinhas moles sob tecidos coloridos. Mas a cidade é encantadora, com suas altas palmeiras, seus roseirais, seus bancos de mármore ao longo do calçadão… Sobre a praça principal, grandes alto-falantes acariciam os ouvidos... Por quê? É fascinante: isso é para se entender... os parlamentares cubanos discutem no Capitólio...! Para não sentir tanto calor, instalaram alto-falantes na rua, embora os debates sejam acompanhados descalços, perto de uma fonte, à sombra das palmeiras…

Abandono a antiga Catedral. Mas aqui estou, correndo a oitenta por hora ao longo do malecón maravilhosamente pavimentado, margeando, por vários quilômetros, os mares dourados e verdes. Chegamos ao campo, às palmeiras gigantes, às bananeiras, às flores enormes. A cada cinquenta metros, um delicioso palacete mourisco desponta entre os roseirais. No paraíso, eu pediria a Deus Pai que me permitisse escolher minha residência nesses lugares.

Voltei ao porto justamente a tempo da hora de partir. Levava os braços cheios de ramalhetes de flores resplandecentes e de pomelos dourados... Essa luz, essas cores inauditas, haviam-me embriagado... O

navio percorre a ilha ao longo... Podem-se avistar montanhas, incêndios nas florestas, grandes penhascos... Chega a vigésima noite..., doce e triste... Jamais teria abandonado as Antilhas…

Nas barbas da polícia

Mais duas noites e chegamos ao México. Acabou o tempo de sonhar, de se bronzear ao sol ou de dançar ao luar. Sem se cansar, o navio sulca o golfo do Caribe. As horas passam, uma após a outra. À frente, amanhã, avistaremos a costa mexicana, com seus coqueiros e seus pelotões de soldados, o país onde doze mil dos meus tombaram, mártires ou heróis, pela causa de Cristo, pela qual eu vivo. É a eles que me dirijo, sabendo muito bem o que arrisco com isso.

No fundo, sinto-me melhor e mais à vontade pensando nisso do que dançando tangos. Eu estava prestes a amolecer. Endireitemo-nos. Agora, a verdadeira vida vai começar.

Chegaremos à noite. Será preciso arriscar tudo, sem haver um instante sequer para hesitações. Minha documentação é falsa, cheia de contradições e incoerências. Não tenho, absolutamente, a quantia de dinheiro exigida para obter o direito de descer do navio em terra. E não conheço uma única alma neste país.

— Como assim?

— É isso mesmo. Eu não conhecia ninguém. Simplesmente me mostraram, na Europa, um cartão-postal vindo do México, no qual estava escrito: “Quando será que L.D. virá?” L.D. era eu. Fiz minha mala. E amanhã tentarei desembarcar.

Do navio, eu havia enviado ao remetente da carta um telegrama: “O amigo belga… vai chegar”. Nada mais. Terá entendido? Só me restava esperar e me preparar.

Não nos inquietemos. Não sei exatamente como vou realizar meu intento. Veremos no último minuto.

Esperando, com a mão no bolso, rezo o rosário.

O navio atracou em frente a Veracruz antes do amanhecer. Alguns tambores ressoavam lúgubres. O que aconteceu então? Não posso dar explicações para não comprometer aqueles que me ajudaram e que foram

“vistos”. De qualquer forma, de madrugada, diante das próprias barbas da polícia, alcancei a costa, com alguns selos autênticos sobre minha documentação falsa. Escondi-me entre os milhares de passageiros que desembarcaram naquele mesmo dia, vindos de quatro embarcações.

Mas era necessário chegar ao México e, com a ajuda dos meus últimos dólares, encontrar lá os dirigentes católicos. Perfeito: pegarei o primeiro trem, amanhã, ao amanhecer. Instalo-me no hotel mais modesto do porto. Perguntam-me o nome. Penso na palavra: “Audácia, mais audácia e sempre audácia”. Escrevo no livro de registro: Danton.

Cantarolava pelas ruas da cidade. Horríveis passarinhos, parecidos com corvos vistos com lupa, empoleiram-se nas ruínas dos edifícios incendiados pela Revolução, ou nos montes de lixo abandonados nas calçadas. Era muito pitoresco. Os índios, vestidos com seus ponchos multicoloridos, têm o aspecto de faraós de fim de semana; as índias trotavam na poeira, carregadas como pequenas mulas.

Comi arroz com tomate e “tortillas” (uma espécie de bolacha de milho). Ponho-me a caminho. De repente, um rapaz me agarra pelo ombro. Um policial? Mais um segundo e eu teria lhe dado um soco. Mas ele acaba de me mostrar o avesso da lapela do paletó, onde traz preso, às escondidas, o distintivo da juventude católica mexicana, e me diz em voz baixa:
— O senhor é Léon Degrelle?

No México, os dirigentes católicos haviam compreendido o telegrama que eu lhes enviara: “Amigo belga”. Uma pequena fotografia, num prospecto do meu livro *Les Taudis*, era toda a minha identificação. Haviam enviado esse guia a Veracruz, que, entre mil viajantes, conseguiu me reconhecer em plena rua!

Tudo estava preparado lá embaixo para minha recepção e minha proteção, o que me permitiria levar minha investigação até o fim. Eu havia ganho a primeira partida!

Chegada ao México

Restava-me, portanto, apenas chegar ao México. Um pequeno trem, de caráter totalmente local, nos levaria até o planalto, em quinze horas de viagem, a dois mil e quinhentos metros de altitude.

Era toda uma expedição. Em condições normais, um ônibus “pullman”, em bom ritmo, nos teria levado às elevadas montanhas, onde teríamos saboreado torradas, damascos e abacaxis, contemplando a paisagem do centro de nossos círculos. Como o caminho era de cascalho, tivemos que nos contentar com essa pequena linha inaugurada nos tempos dos astecas, ou quase.

O carrinho parte para atravessar os espaços uma vez a cada vinte e quatro horas, em meio a grande entusiasmo do povo. Às cinco da manhã, chego, após esforços inauditos, a me colocar em um pequeno canto, sobre uma escrivaninha de zelador. Durante uma hora e meia, os viajantes chegam aos montes e podem, na plataforma, nos observar com seus olhos arregalados, agarrados às suas malas, esperando em vão uma multiplicação de veículos — como outrora se produziu a multiplicação dos pães! Infelizmente para eles, o milagre não aconteceu; a partida se inicia, ao amanhecer, em grande estrondo, sob a guarda de soldados, postados, fuzil em punho, sobre o primeiro veículo do trem carreta.

Sente-se imediatamente em família no meio dos índios esfarrapados, sob um chapéu de mosqueteiro, índias com saias laranja ou verdes, cabelos negro-azulados esvoaçando no rosto do vizinho. Sinto um imenso prazer e faço amizade com todo o veículo por meio de contorções. Convidam-me a comer “tortillas”. Rapaz educado, aceito.

Depois da segunda, a boca já ardia com a pimenta e começo a soltar gritos como feras de caça maior, como se, em jejum, tivesse engolido dez mil formigas! Para aliviar a ardência, devorei laranjas, tangerinas, toranjas, cocos, todas as frutas que havia na cesta, jurando pelos grandes deuses que não voltaria a comer aquelas monstruosidades!

A paisagem me consola. Marchamos pela região tropical, não longe da costa, em meio a palmeirais, canaviais, laranjais com frutos resplandecentes e vastas extensões de terreno absolutamente selvagens, onde se entrelaçam as vegetações mais loucas. De vez em quando, vê-se alguma cabana: o trem para para que o maquinista possa cumprimentar seu primo camponês e a irmã de leite da cunhada de seu barbeiro.

Enquanto isso, os indígenas se lançam, com cestos, a recolher frutas de todo tipo, e rosas soberbas, sem perfume, alinhadas nos troncos ocos das bananeiras. Toda a população pula e grita, em meio a crianças de pele cor de chocolate e porcos incríveis, metade rosa e preto, ou completamente cinzas, ou totalmente marrons: como os mexicanos, têm seu mestizaje!

Deixamos o gado e o povo para trás e começamos o assalto às montanhas. É necessário dar voltas e mais voltas sem fim, após as quais se descobrem, de repente, paisagens imensas, com vales verdes ou verde-escuros, sob uma luz dançante, inaudita em sua nitidez e vibração.

Depois, estão os vales de areia, que provocam enganos visuais realmente curiosos. Acredita-se ver neve por todos os lados, tanto que, passadas duas horas, contornamos os formidáveis glaciares, cujos braços terminam em vulcões nevados com formas fabulosas: um deles ergue-se no céu, como se fosse um gigante deitado. Baudelaire adoraria essa deusa da neve, com o peito completamente nas nuvens, a cabeça inclinada para trás, como se a mão do mundo segurasse sua cabellera gelada.

Nas margens da linha, podia-se ver às vezes uma “hacienda” protegida por muros quadrados, completamente cercada por canaviais e “maguey”, uma espécie de alcachofra de dois metros de altura que produz o “pulque”, o seu “pequet""nacional!

Depois de quatro horas, passamos agora pelas regiões áridas, rachadas por numerosos leitos secos, encaixadas entre penhascos. Em seguida, o entardecer multicolor, com sua loucura de verdes e laranjas descendo dos glaciares… Havíamos chegado ao planalto. Belos lagos verde-pálido dormiam sob a clara lua… Ao longe, as luzes do México…

Alguns “Cristeros” (soldados de Cristo), misturados à multidão, aguardavam minha chegada.

Fui acomodado, sob boa proteção, em um automóvel que me conduziu ao refúgio onde ficaria durante as primeiras semanas da minha aventura.

O Natal com os mexicanos

Eu estava instalado em uma vila sem pisos, completamente coberta de rosas, com jatos de água brotando em pilões de azulejos multicoloridos... Os servos eram índios de total confiança, resistentes como borracha e vestidos com pano grosso azul-escuro.

No domingo, um sacerdote vinha celebrar a missa na garagem. Sentava-se em uma cadeira no jardim e confessava em fila indiana, de joelhos sobre a grama. Depois, colocava-se ao lado de um caminhão e, cercado por pobres com trapos e por mulheres vestidas de preto, consagrava a sagrada forma. Era emocionante a ponto de fazer chorar. A comunhão se fazia entre dois barris de alcatrão. Ao final, o padre, vestido com traje civil, nos entregava sua carga do porta-caneta, na qual a tinta havia sido substituída por água benta.

Mas se eu tivesse ficado aqui, contemplando as rosas, comendo “doces” e amendoins, brincando com a turminha de Conchita e Guadalupe que vivia na casa, minha investigação não teria avançado nem um pouco. Era preciso sair, estudar de perto o povo mexicano, misturar-me à sua vida, penetrar em todos os ambientes, especialmente nos meios oficiais. De manhã, saía em “expedição”, escoltado por meus guardas pessoais, e só retornava à noite, não sem antes passar a toda velocidade pela vila, para conferir se a polícia me esperava para me prender “com minha sopa de arroz”! Santa polícia! Jamais tirava minha jaqueta à noite sem imaginar a surpresa que seria ser acordado de repente por soldados correndo pelo vidro, como fizeram com vários católicos.

Isso não me impedia de roncar como uma locomotiva “comunitária” ou como um senador em sessão vespertina. Eu os teria recebido de pijama e com muito bom humor. Quase lamento não ter sido preso: teria sido fantástico ser jogado lá, com vinte balas atravessando o corpo, gritando, como os doze mil mártires: “Viva Cristo Rei!”

Mas é preciso crer que o bom Deus não queria um atrevido como eu, tão barulhento e tão vaidoso — por demais, não era necessário!

Verdaderamente, não tive… sorte: no último dia de dezembro de 1929, junto ao Oceano Pacífico, a alguns quilômetros de Guadalajara, fiz uma parada sem perigo na casa de algumas tribos indígenas, que contavam com seis católicos mortos, abatidos sem piedade em uma emboscada revolucionária, e que ainda jaziam a um quarto de hora dali. Estive em um cemitério ardente, sob os Trópicos… Vamos, isso ficará para outra ocasião e… em outro lugar.

Desde minha chegada, havia criado toda uma rede de contatos. No mundo católico, em primeiro lugar. Para todos, eu era o Doutor… digamos, Machín, e discutia sobre o câncer com tanta competência que, como ninguém sabia quem eu era, podia então inventar as teorias mais extravagantes, situando sua origem — no verme solitário ou nas calosidades dos pés!

Pude assistir a festas extremamente pitorescas de Natal, como as das “posadas”.

Elas se celebram durante os nove dias que precedem o Natal. Reúnem-se à tarde no “pátio” e recita-se uma série de preces simples, solicitando ao dono da casa permissão de entrada para São José e a Santíssima Virgem… Concedida, realiza-se, por todas as praças, uma procissão onde a devoção se mistura à curiosidade. Recitam-se ladainhas enquanto se devora com os olhos (menos as senhoras) todo o material suntuário ou utilitário dos invasores! Quando a volta termina, bebe-se o vinho local a goles e engolem-se as especiarias, depois desce-se ao “pátio”, onde se encontra pendurada a piñata. Esta é uma espécie de grande mascote, cujo ventre, de terra cozida, guarda as bugigangas mais inverossímeis, que vão desde isqueiros e carteiras até caricaturas de agentes da polícia!

O objetivo é tentar quebrá-la. Isso não é nada fácil, pois a piñata fica pendurada por cordas que permitem ao pote dos tesouros balançar em todas as direções e, além disso, tudo deve ser feito com os olhos vendados. Na prática, porém, é na cegueira e no vazio que se trava um grande combate a pauladas.

Tudo termina quando a terra cozida se estilhaça em mil pedaços. Então acontece a avalanche de crianças, de mulheres ofegantes, de moças aos gritos. Depois de nove dias de um esporte desses, toda a cerâmica do México fica em cacos e todas as senhoras encontram, graças a essas acrobacias, a esbeltez da primavera perdida!

Entre esse alvoroço e esses exercícios festivos, eu ia descobrindo pessoas interessantes e aproveitava para conversar com elas. Faltava-me, porém, penetrar nas casas e na intimidade dos revolucionários. Eu iria me infiltrar nelas, com salamaleques, beija-mãos, gentilezas — e pagando tudo isso com a cabeça das minhas vítimas!

Os carrascos e as vítimas

O grande esporte para mim consistia em me infiltrar nos salões onde festejavam as mulheres e as filhas dos chefes revolucionários. Ali eu me virava para pisar no menor número possível de pés e para bajular os broncos com cortesias maravilhosas, sussurrando ao ouvido de cada velho general, enfeitado como um cavalo de trabalho premiado, e também ao de alguma pombinha de nariz arrebitado, murmurando enquanto a fitava fixamente: “A senhora é adorável, seus braços têm a doçura do leite de burra, sua silhueta é flexível como a cauda de um leopardo (o leopardo tem cauda?)”.

Os elogios funcionam com as mulheres. Elas me achavam inteligente porque eu as achava belas. E então me convidavam para almoços e recepções, onde me apresentavam o marido ou o pai. Cheguei até a receber, de uma parente do Presidente da República, uma fotografia com dedicatória que faria um prior ou um professor universitário derreter em lágrimas.

Dir-me-ão: isso não é muito elegante. Concordo. Mas eu tinha de agir assim com essas feras sem nome, responsáveis pelo massacre, em apenas dois anos, de doze mil católicos que professavam a minha fé e cuja vida me era tão preciosa quanto a minha própria. As mulheres e as filhas de seus carrascos carregavam esse sangue manchando as toalhas e sobre os dedos cheios de diamantes. Eu as enganei. Está bem. Mas era porque as desprezava. E a melhor forma de desprezo é tirar proveito daqueles que se detesta. Na verdade, eu nem precisaria de tantos rodeios para me aproveitar de assassinos que não valiam a corda com a qual, com grande prazer, eu os teria enforcado. Era preciso conter-me, sofrendo por isso, para permanecer impassível diante desses animais.

Ao encarar a cara de fera do presidente Calles, ou ao percorrer as haciendas principescas de Morones, eu me lembrava dos milhares de mártires assassinados sob tormentos atrozes: esfolados vivos, amarrados à traseira de caminhões enquanto eram arrastados; regados com gasolina e depois incendiados; enforcados nas estradas, ou expostos, crivados de

feridas, sob as mordidas do sol tórrido e dos mosquitos. Essa tragédia horrenda voltava diante dos meus olhos: jovens assassinados, ou mulheres enforcadas como se fossem tordos, nas árvores do estado de Colima; ou então as linhas telefônicas com cachos de católicos balançando a dez metros de altura…

Toda a epopeia de um povo mártir me acompanhava: trinta mil jovens — camponeses, operários, estudantes — resistindo, com o fuzil nas mãos, aos perseguidores socialistas, depois de esgotados todos os meios legais de resistência; quatro mil moças assegurando o abastecimento de munições, sob o risco de sevícias abomináveis, seguidas de deportações para as “Ilhas Marías”, à beira do Oceano Pacífico. Eram esses os mártires e os heróis que eu via quando falava com os tiranos vermelhos do México.

Eles estavam manchados por todos esses crimes. Estavam-no também por seus roubos, suas rapinas, suas orgias.

Neste país arruinado, onde já não havia sequer a possibilidade de abrigar seiscentos leprosos, onde três milhões de habitantes haviam fugido para escapar da fome, os chefes revolucionários, que tinham chegado ao poder sem um único “peso”, ostentavam uma riqueza escandalosa.

A fazenda do ministro Morones, em Talpam, tinha castelo, jardins, canais, teatro, estábulos repletos de cavalos soberbos, sem contar as piscinas onde, durante as bacanais dos fins de semana, mulheres recrutadas nos teatros dos subúrbios faziam suas abluções sob os focos convergentes de refletores multicoloridos.

A fazenda do presidente Calles, onde estive no Natal, situada entre a Cidade do México e Puebla, era, muito provavelmente, a mais bela do país. Uma estrada magnífica, cujo traçado foi estudado pelo próprio Calles, ligava-a à capital: foi o país, entenda-se bem, quem a financiou. Todos esses figurões possuíam grandes propriedades. Tinham joias como velhas mulheres levianas. Automóveis de luxo. Contas bancárias vultosas. Parecia que a revolução consistia nisso. Em todo caso, foi assim que, no México, os chefes vermelhos ma apresentaram…

Dois anos lhes bastaram, graças ao apoio monstruoso dos Estados Unidos, para degolar o catolicismo. Não resta neste momento uma única escola católica. As ordens religiosas foram fechadas. O uso do hábito religioso está proibido. Alguns sacerdotes “autorizados” (no México, um para cada cinquenta mil habitantes) foram despojados de todos os seus direitos políticos, tratados como criminosos e inscritos nos registros da polícia, como se fossem mulheres públicas.

É a agonia no silêncio. De vez em quando, uma notícia lacônica informa que uma igreja foi saqueada ou que alguns fiéis foram mortos. É tudo.

Portanto, esta foi uma admirável epopeia, no pleno século XX, que reuniu trinta mil jovens, cavaleiros místicos e rústicos, todos dedicados a privações, sofrimentos e à morte sob as balas.

Durante anos, apertando os punhos em sinal de raiva contida, permaneceram impassíveis diante das piores humilhações. O fechamento das escolas, as injúrias, os golpes, as bombas, nada conseguiu enfraquecê-los nem fazê-los abandonar o terreno da lei. Foram necessários atentados em massa, torturas ignominiosas, assim como a perseguição em todo o seu horror sangrento, para que, à voz dos bispos, um povo tomasse em armas e corresse para defender sua Fé. Eram massacrados como animais; para responder, não lhes restava outra solução senão os fuzis.

Visitei todos os campos de batalha dos “Cristeros” na companhia desses jovens admiráveis, curtidos pelo sol de fogo, endurecidos pelos sofrimentos. Do Atlântico ao Pacífico, através da mata ou dos desertos, percorri quatro mil quilômetros em comovente peregrinação. Seguindo trilhas de montanha, atravessando intermináveis areais, onde só se encontram árvores esguias e, de quando em quando, um esqueleto de cavalo selvagem, compreendi o heroísmo que os “Cristeros” tiveram de exercer para lutar durante trinta meses, sem pão, sem armas, sem ambulâncias ou serviços de saúde, sem qualquer apoio.

Viviam do que os camponeses lhes davam pelo caminho e do que as quatro mil jovens católicas, organizadas em exército auxiliar, levavam aos seus refúgios.

Acampavam ao relento, à luz da lua, com o Santíssimo Sacramento exposto no meio do acampamento. Os sacerdotes, ao amanhecer, davam a comunhão aos soldados ajoelhados, com a arma na mão. Depois, com a cruz sobre o peito, fazendo tremular ao vento a bandeira nacional ornada com Cristo Rei, seguiam caminho para seu destino.

Todo esse heroísmo não foi em vão, pois salvou o honor católico. E as milhares de pequenas cruzes que pontilham a terra mexicana, ostentando simplesmente a inscrição: “Morto por Cristo Rei”, são o testemunho mais emocionante da grandeza cristã.

Elas nos dizem que nosso século não foi totalmente vil, egoísta e hedonista, já que, em meio a essas baixeza, milhares de mártires se imolaram por amor a Deus.

A floração sangrenta

A perseguição e seus milhares de mártires não haviam conseguido esmagar a fé do povo. Era um espetáculo admirável: de madrugada, antes de ir para o trabalho, os operários, de camisa cáqui ou “azul”, com suas largas calças sustentadas por tiras cruzadas sobre o peito, enchiam as igrejas, ajoelhavam-se no chão e permaneciam com os braços em cruz. Toda a igreja se transformava em uma estranha reunião de mãos calejadas e escuras…, mãos que às vezes haviam envolvido os “Cristeros” caídos por Deus ou empunhado o fuzil dos “libertadores”.

Saía-se. Um enorme sol resplandecia sobre a estrada, dourava as laranjas, os bananas e as rosas que os mendigos lhes ofereciam… Tudo era magnífico na luz: os campanários com cerâmicas multicoloridas, as cidades com suas flores, os meninos morenos na poeira, os fregueses carregados de verduras, os animais tostados ao sol.

Portanto, essas pedras douradas haviam recebido as balas dos fuzileiros; aqui, o Padre Pro havia caído depois de rezar, de joelhos, pelos carrascos cheios de cinismo; ali, León Toral fora fuzilado; ainda o imagino junto a este muro sagrado, ou na enorme prisão, onde pude entrar graças a um alto funcionário da Revolução. Vimos o reduto onde Toral, durante horas, foi ferozmente torturado, pendurado pelos pulsos, a cela na qual havia escrito suas últimas cartas, o cômodo para o qual o haviam levado novamente, mas já crivado de balas do fuzilamento. Sentia-me comovido.

Em uma extremidade do pequeno jardim de hortaliças, com alguns metros de largura, vi imediatamente o muro contra o qual este jovem herói, pai de três filhos, havia sido abatido; ele, por salvar seu país, foi, após uma noite de adoração, assassinado por ordem do tirano que decretava as mortes, o Presidente Obregón. Quando estive diante desse muro trágico, meu sangue se precipitou por todo o corpo; não pude me conter e joguei meu chapéu ao chão. Tinha lágrimas nos olhos. Caminhamos, os oficiais e eu, até a porta da prisão sem dizer uma única palavra. Ali, peguei um táxi. Jamais compreendi por que não me prenderam naquele exato instante.

Percorri vilarejos encantadores, atrás dos glaciares, junto ao Pacífico, no coração do deserto de Chihuahua, perto da Califórnia. Estava deslumbrado pela luz, pelas inúmeras igrejas multicoloridas, pelo espetáculo charro dos índios com trajes chamativos, andando sem descanso sob pesadas cargas, ao lado de outros índios solenes e indolentes montados em mulas de pernas curtas. O mercado exibia seus frutos resplandecentes, seus inúmeros estandes, suas bebidas, madeiras trabalhadas, tapeçarias, utensílios de barro cozido. Alguns escribas redigiam, na praça principal, cartas de amor para os analfabetos. Os sinos, do exterior dos campanários ou sob as árvores gigantes, lançavam seus pesados cânticos no céu límpido.

Seria necessário ser leve como o ar, alegre e forte como o sol lançando seu fogo sobre os olhares, ou como as árvores, a areia avermelhada e os glaciares… Seria necessário… Mas entrava-se nas choupanas e… Uma mãe muito jovem nos mostrava seus filhos, cujo pai havia sido executado e cujo cadáver desaparecera. Uma anciã, completamente destruída, em luto rigoroso, carregava algumas relíquias dolorosas: tecidos cheios de buracos e impregnados de sangue negro, um chapéu enlameado que havia sido pisoteado; a pobre mãe pegou uma tesoura para me oferecer alguns retalhos ensanguentados dessas vestes, que era tudo o que lhe restava de seus dois filhos, assassinados pelo ódio contra Cristo, como animais, no cemitério de Guadalajara.

Triunfo da luz, das flores, das enormes árvores, das areias escaldantes e dos riachos rápidos, dos pores do sol verdes e alaranjados, dos olhos de fogo nos rostos curtidos e ferozes, país que Cristo enche, sobretudo, dando-lhe, além desses esplendores, a floração soberba e sangrenta de seus mártires.

Domingos mexicanos

Meus domingos mexicanos são as lembranças mais ensolaradas, as mais ardentes, da minha juventude.

Durante a semana, conversava com os revolucionários, com os “Cristeros”, com as famílias dos mártires. Até em horas impossíveis eu estava tomando notas, traduzindo documentos, controlando manifestações. No domingo, deixava todos os meus pertences de lado e, na companhia de jovens mexicanos e mexicanas, saía para me embriagar de sol, de flores, de lagos mornos, de primavera…

Estava a alguns quilômetros da capital, em Xochimilco, uma terra estranha, flutuando sobre a água... ilhas povoadas de árvores imensas, que se erguiam sobre pilares.

O México, na época da chegada dos espanhóis, no século XVI, era verdadeiramente uma Veneza americana: alguns canais atravessavam a cidade, inúmeros pontes salvavam essas águas cortadas por embarcações de madeira. Atualmente, o México está dessecado. Mas Xochimilco conservou, a dois mil e quinhentos metros de altitude, a grandiosa poesia das ilhas…

Várias canoas completamente adornadas de rosas e transformadas em pavilhões perfumados nos esperavam. Deslizavam-se à frente, à sombra das flores, enquanto os índios, com golpes lentos e seguros, nos transportavam pelos rios... Passávamos de canal em canal, em meio a árvores estranhas, cujos nomes fabulosos e bárbaros meus acompanhantes me ensinavam... Algumas canoas, completamente forradas de cravos, aproximavam-se sem cessar. Depois vinha o retorno dos vendedores de mantimentos, em uma canoa minúscula, quebrando a tortilla na frigideira e servindo a comida à beira da água... Através da folhagem, percebiam-se, de repente, os brilhos das rochas glaciais aquecidas pelo sol... Cantávamos formando círculos mexicanos ao ritmo agudo das febris guitarras da embarcação... As cores irradiavam fogos inesquecíveis... O rosto, o pescoço e os braços das moças captavam uma luminosidade branca...

Voltávamos ao entardecer, embriagados de perfumes, de juventude, de cestas de laranjas e de maços de flores nas mãos... Não se dizia uma única palavra enquanto admirávamos essas belezas do crepúsculo... Depois, fogosa e terna, uma voz se erguia, e todos no automóvel voltávamos a entoar o cântico emocionante, áspero e glorioso, exatamente no diapasão de nossos corações…

A terra havia mudado. Eu me encontrava junto ao Oceano Pacífico. Por alguns caminhos de terra, havíamos chegado ao lago de Chápala, que, ao longo de sessenta quilômetros, espalha suas águas azuis e malvas entre colinas de inflexões suaves, cuja luz nítida permite perceber os mínimos detalhes.

As lembranças da perseguição não faltavam: ruínas de casas por todos os lados e, lá embaixo, no meio do lago, a ilha onde os “Cristeros” haviam se refugiado.

Fomos até lá a toda velocidade em uma canoa com motor, cortando as ondas em uma esteira de espuma. Era o dia primeiro de janeiro. A água estava doce como em agosto em nossas margens europeias. Repentinamente, lancei-me na água em plena corrida. Nadava louco de alegria, atônito com a temperatura morna da água; depois voltei a subir na canoa, ofegante de cansaço e de felicidade... Primeiro de janeiro... Em minha terra, nessa data, fazem-se bolas de neve ou gargarejam-se remédios para a garganta. Aos meus olhos, o lago, em pleno meio-dia, reclinava-se ao sol, magnífico e ardente.

Outras vezes, nossos domingos eram menos pacíficos: íamos aos “toros”.

Com uma sensibilidade europeia, essas touradas me causavam horror. Não compreendia como dezenas de milhares de pessoas podiam se apaixonar por tais façanhas. Ali fui, pela primeira vez, com remorso, flanqueado por amigos exuberantes, barulhentos, vibrantes como tambores.

Na entrada da arena imensa, alguém examinava cuidadosamente. Sim. Porque o delírio é tamanho durante a lide que os mexicanos

arremessam à arena tudo o que possa voar rente ao chão! Às vezes, até uma garrafa ou um pomelo eram lançados! Por isso, antes de permitir a entrada no coso taurino, há quem revire os peitorais dos aspirantes a espectadores.

O espetáculo é quase em vão: cerca de cem francos para assar-se ao sol. Os melhores lugares ficam de frente, à sombra. Está cheio de moças que não querem estragar a pele nem apertar os olhos por causa da luz. Esquecendo seus malfeitores e tiranos, todo o México, às três da tarde, está em seu lugar, sentado em arquibancadas de cimento, com os olhos protegidos por uma grande viseira de papelão. Essas pessoas se privam de comer para gastar seus pesos em homenagem aos toureiros!

E depois de assistir ao espetáculo, eu compreendo. Evidentemente, há cavalos despedaçados e touros cheios de fúria, com as banderilhas cravadas no pescoço, antes de desmoronar, sangrando, sobre a areia. Mas, acima de tudo, há homens que arriscam a vida diante dos touros enfurecidos. Esses homens têm uma leveza e uma graça prodigiosas. Um simples movimento e a muleta vermelha derrota a besta, que investe sobre ela a poucos centímetros do peito. Isso é insólito. Vinte vezes parece que serão atingidos. Vinte vezes, coragem e destreza se unem para escapar do monstro. A paixão das multidões se dirige à vida em perigo desses homens e à potência deles, domando a força com precisão e maestria. Uma boa faena; ao final de dois minutos, você está com esse homem, porque esse homem é você, sou eu. E um grito de triunfo ecoa quando o touro dobra as patas dianteiras, com o coração atravessado, completamente morto.

Tudo isso é precedido por entradas estrondosas, com grandes pompas, carroças e trombetas. Os incidentes engraçados surgem: o touro é pequeno demais, a multidão vai à loucura gritando “Volta pra casa com sua mãe”, e a mãe, sob a forma de um rebanho de vacas com sinos, vem buscar seu filhote e levá-lo completamente confuso de volta para o pasto!

Depois vêm as fugas engraçadas e perdidas, por cima das barreiras, de toda a equipe de picadores, cuja função inicial é excitar o animal, mas que, na verdade, é ele quem sai correndo a toda velocidade, com os chifres no traseiro!

O que é mais grave é o fracasso do toureiro. Nesse momento, ninguém ri. O espectador quer assistir a uma boa tourada. Isso é toda uma arte. Às vezes, o golpe falha. A espada escorrega. Ou, mal posicionada, o touro, com uma investida, manda o toureiro voar pelos ares, como se fosse um palito de fósforo. O público bate os pés, joga tudo o que tem à mão — jornais, laranjas, bonés... Mas se o golpe é certeiro, é o momento da vitória. Então explode a euforia. Todo mundo se põe de pé, grita, gesticula. Se o triunfo foi perfeito, sem hesitação, imediatamente, trinta mil lenços pedem ao vencedor a orelha do touro morto... O toureiro a corta e, com ela na mão, dá uma volta na arena, cercado por um redemoinho de chapéus de palha, viseiras e “chapéus” voando em todas as direções.

Voltei cinco vezes: invariavelmente os toureiros gesticulam com seus capotes encarnados, desafiam a morte, saem correndo; os picadores, montados em velhos cavalos com os olhos vendados, recebem golpes de vara nas investidas do cornúpeta; até o momento em que o matador intervém, prodigioso, deslumbrante, imperial.

Após duas horas de lide, corre-se para fora da arena para se colocar em torno dos triunfadores, ainda vestidos com o traje de luz, que desfilam em soberbas “limousines”...; enquanto isso, caminhões transportam os touros, já fatiados e cortados em pedaços, para os açougues, que amanhã serão servidos em bifes ou em carne cozida nas mesas do México!

Adeus, México…

Será necessário fechar minha mala de papelão. Está decidido… pois tenho uma mãe que, há três meses, vive em brasas em seu pequeno país da Europa, onde a deixei para partir em aventura.

Tenho de bom ser um incorregível cômico que sempre volta sobre seus passos… Sabe que posso estar metido em prisão, detido pelos energúmenos… Ela se atormenta cem mil vezes mais do que eu. Fique tranquila, mãe, vou lavar os colarinhos das minhas camisas e meus lenços: e vou voltar…

Por outro lado, já obtive todas as informações. Os católicos me explicaram a espantosa tragédia e me forneceram a chave do conflito. Vi as inúmeras sepulturas, os pais dos mártires e os campos de batalha. Assisti à agonia do catolicismo, ao seu aniquilamento, aos seus últimos estertores…

Vivi entre os revolucionários, estudei sua falência agrária e social, visitei suas escolas, suas prisões, assisti às suas orgias, aos seus desfiles, à expansão de sua tirania… Em uma grande mala levo setenta e dois quilos de documentação. Agora já posso voltar…

De que forma voltar? Ao chegar, minha bolsa estava vazia. “Isso agora não se levanta com corrente de ar!” Mas está escrito que, sempre, uma sorte incrível me acompanha. Uma tarde, em um dos salões, conheci o diretor de uma revista americana. Tornamo-nos velhos amigos. Contei-lhe sobre minhas pequenas viagens. A história o divertiu. Nos encontramos novamente no dia seguinte. Ele leu a primeira parte do meu manuscrito. “All right!”. E me ofereceu quinhentos dólares, dezoito mil francos, pela tradução das minhas anotações. Dei um salto até a lâmpada do teto! Nunca me senti tão rico! A vida é bela! Vou me dirigir aos Estados Unidos…

Lá, aquela alegre aventura se repetiria. Meu passeio foi anunciado. Encontrei um alto funcionário que combinou uma apresentação em espanhol. “Fui milionário pela segunda vez!”. Semelhante a um rei do Lard ou do Shewing-gumm, realizei uma turnê principesca pelos Estados Unidos e subi até o Canadá. “Não economizei nada!”.

Enquanto isso, eu me despedia dos meus amigos mexicanos... Estava emocionado como uma criança pequena... Nas últimas noites, passávamos sonhando, observando o pôr do sol com suas cores dilacerantes, sentindo os aromas mornos das flores murchas... Canções selvagens podiam ser ouvidas novamente em alguns discos...

Último domingo: os católicos organizaram uma reunião clandestina sem me avisar. Levaram-me de carro e, de repente, me encontro diante de uma multidão de homens e mulheres. Oferecem-me pratos de barro cozido e de madeira pintada, tapetes indígenas nos quais estão espalhadas as cores rutilantes dos frutos e do céu. Falo-lhes, todo o meu ser arde; esses índios de pés descalços, que não compreendem nada além da minha expressão, têm grossas lágrimas, como diamantes, em suas faces ásperas e morenas... Raça de heróis e mártires...

Na manhã da partida... Os mais íntimos estão na plataforma, discretamente. Abraçamo-nos à maneira do país, com grandes tapinhas nas costas. Vivi uma tragédia imensa, uni a minha juventude a essa grandeza sobre-humana, a esse sangue, a essa Fé... O trem parte... Nossas mãos se apertam, depois se separam, estendo todo o meu corpo pela janela e lanço, pela última vez, o grito das doze mil vítimas, de todo o seu povo triturado pela perseguição mais indomável: “Viva Cristo Rei...”

O deserto de Chihuahua

Aqui estou eu, durante vários dias, em um trem “pullman” que me levará à fronteira americana em um percurso de dois mil quilômetros. Instalo-me. Peço ao garçom uma garrafa de cerveja de Monterrey e, já recomposto das emoções, contemplo o país. Arrumo-me. Sinto algo que me agita o coração ao contemplar, pela última vez, os índios moreninhos e suas soberbas mulheres com suas saias de cores alaranjadas ou verdes... Nas paradas, compro rendas, ponchos, pequenos potes, pomelos. Lançar-me nas grandes distâncias me dá uma sensação de liberdade. Que felicidade! Acaricio as crianças. Sorrio para as moças. E sempre subo no último momento, quando o “pullman” parte, cheio de grupos de indígenas que percorrem cinquenta metros no degrau antes de saltar sobre o trilho a toda velocidade. Marchamos ao longo de riachos, onde algumas crianças travessas chapinham, completamente nuas, junto às mães ocupadas com suas lavagens. Bonitas igrejas arredondam suas cúpulas radiantes sob o sol tropical, entre árvores gigantescas, onde os sinos pardos se balançam a céu aberto.

Ao cair da tarde, com um céu verde pálido, paramos em Querétaro. Aqui caiu sob as balas o Imperador Maximiliano. Uma tarde de uma doçura trágica paira sobre o campo. Alguns raios vermelhos adornam o horizonte. Um velho leproso recolhe uma casca de banana. Uma mulher, a quem dou dez centavos, murmura uma Ave Maria... É tudo o que resta sobre estas terras, afundadas no sangue de um dos maiores sonhos de nossa época. A noite nos arrasta, estirados em nossa cama. Levanto as cortinas. Contemplo, sob a lua, paisagens cada vez mais tristes. O dia se apresenta coberto de neblina; alguns potros galopam; os cactos erguem suas palmas espinhosas ao sol. O deserto se aproxima. A areia já começa a penetrar nos veículos, uma areia branca e seca que faz arder os olhos, apesar da janela dupla. Ao meio-dia, parada em Torreón, aldeia perdida nas marcas do Saara mexicano. Um último adeus, e seguimos adiante. Não há uma única erva, nem mesmo uma só brizna. Apenas alguns arbustos queimados e enegrecidos pontilham os cumes brancos. Contemplo à distância as cadeias montanhosas. Depois, de repente, o olhar cai sobre um

esqueleto de cavalo selvagem, despido de suas carnes pelo vento tórrido, dobrado sobre os joelhos, lembrando uma peça de museu. Nenhuma alma por quilômetros. Depois, uma pequena cabana construída com dormentes da ferrovia, um poço, alguns porcos vermelhos ou cinzentos, uma família de índios esfarrapados e sujos... O trem para. Os soldados descem à areia, as mulheres abrem suas sacolas... come-se em família sobre o fogo feito com gravetos. Depois, como em um grande estrondo de fuzis, o trem retoma a marcha... centenas de quilômetros parecem eternos... Nada. Sempre areia. Não há, como antigamente, nem mesmo grupos armados sob a bandeira de Cristo ou patrulhas a cavalo de revolucionários protegendo a ferrovia contra os assaltos dos libertadores... Os Cristeros caíram no deserto imenso, de braços abertos, com o rosto voltado para o céu; as rajadas de vento os corroeram e eles dormem, perdidos sob a areia, esperando o despertar sagrado das trombetas de Deus.

Estamos caminhando há cinquenta horas... O deserto se retrai, se desfaz em montanhas peladas. Ao amanhecer, com grande espanto, vejo, pela primeira vez em semanas, uma coluna de fumaça subindo de uma cabana de índios... E sim, nos aproximamos do norte e é janeiro. Esqueci que já estava em um país onde costuma fazer frio! Os pequenos peles-vermelhas estão encolhidos em seus ponchos. Acabou a bela aventura dourada. Subo rumo às neves, ao gelo; os casacões são de lontra em vez de tecidos leves e multicoloridos. Sinto em meu ser um abandono total. Sonho diante das colinas que se alargam... Não vejo mais nada. O trem acabou de parar. Ao nosso lado, sempre as mesmas choupanas, sórdidas e poeirentas. Mas um agente da Alfândega sacudiu repentinamente meu torpor. Desço. A alguns centenas de metros, o Rio Grande corta seu cânion seco e, depois, arrogante vanguarda, uma linha de enormes edifícios se ergue até o céu: estou diante dos Estados Unidos.

Do outro lado da ponte

Entrei com cuidado na Agência dos Correios mexicana antes de atravessar a ponte que separa os dois países. Fui revistado por todos os lados como um potro na feira. Foi necessário deixar que os policiais verificassem se entre minhas costelas eu não escondia o cadáver do Presidente da República ou o cofre do Ministério da Fazenda! Depois disso, foi a vez das barras da minha roupa, do fundo da minha mala, das solas dos meus sapatos. Evidentemente não havia nada, absolutamente nada, pela simples razão de que, naquele mesmo instante, minha mala, contendo setenta e dois quilos de documentos, centenas de fotografias, uma bandeira dos Cristeros e o texto da minha pesquisa, passava, como quem não quer nada, bem debaixo do nariz da polícia, a um quilômetro dali!

Uma vez contadas minhas costelas, com minhas barras descosturadas e meus sapatos soltos, a polícia não teve outra escolha senão me deixar dizer adeus. Mas aqui estou eu, altivo como Artabã, atravessando a ponte sobre o Rio Grande. Vinte metros a mais e estarei nos Estados Unidos. Ainda dez metros. Ainda cinco. Primeiro agente da Alfândega: apresento meus falsos passaportes belgas. Ele arregala os olhos e exclama sorrindo: “O God, gij spreekt vlaamsch!” (“Ó Deus, tu falas flamengo!”). O primeiro americano que encontro era um flamengo! Nascido na rua Haute há cinquenta anos! Há um quarto de século vive nos Estados Unidos! Ambos começamos a soltar bramidos enormes. Digo-lhe sinceramente que tinha muito medo de poder ter dificuldades no Departamento de Imigração americano! Dando-me o braço, Flandres e Valônia desceram até o Departamento de Imigração!

Ali percebo imediatamente que isso vai dar errado. Acham que sou um “intruso”! Mostro as passagens de trem e do navio até Havre, mas não adianta. Para eles, sou um imigrante tentando entrar pelo caminho errado, via México. Juro por todos os deuses, em francês, flamenco, inglês e espanhol, que não tenho nenhuma intenção de fabricar conservas ou automóveis Ford na casa deles, enquanto me passam de repartição em

repartição, respondendo por todos os lados que minha entrada seria negada. Que negócio! Todo o meu dinheiro tinha sido gasto nas passagens de volta. Nem podia custear a viagem pelo outro lado, pelas Antilhas. E lá estou eu, bloqueado aqui, “no fim do mundo”! Entendo de imediato que não vou conseguir absolutamente nada desses burros. Dando meia-volta, volto novamente ao território mexicano e envio um telegrama a um bispo californiano.

Estava sendo assediado sem parar por espertalhões e golpistas. Ofereciam-me atravessar o rio escondido, à noite. Mas desconfiava dos delatores. Resistia. Três dias depois, o bispo conseguiu mobilizar uma série de figurões norte-americanos. O próprio xerife veio me buscar em Juárez. Passei, com a cabeça erguida, pelos alfândegários mexicanos. Já do outro lado da ponte, onde me fizeram reverências ostensivas, respirei fundo. O México vermelho não era mais que uma lembrança. Eu estava salvo.